



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

MILLER FONTES BRANDÃO

IMAGEM DA ENFERMEIRA NO JORNAL *O ESTADO DE SÃO PAULO*

SALVADOR
2021

MILLER FONTES BRANDÃO

IMAGEM DA ENFERMEIRA NO JORNAL *O ESTADO DE SÃO PAULO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem e Saúde na Área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde”, na linha de pesquisa “Formação, Gestão e Trabalho em Enfermagem e Saúde”.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva

Co-orientadora: Profa. Dra. Giselle Alves da Silva
Teixeira

SALVADOR
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B817 Brandão, Miller Fontes.
Imagem da enfermeira no jornal O Estado de São Paulo/Miller Fontes
Brandão. – Salvador, 2021.
72 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva; Coorientadora:
Profª. Drª. Giselle Alves da Silva Teixeira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de
Enfermagem/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, 2021.
Inclui referências.

1. Enfermeiras e enfermeiros. 2. Meios de comunicação de massa.
3. Notícias. 4. Papel do profissional de enfermagem. 5. Valorização
social. I. Universidade Federal da Bahia. II. Título.

CDU 616-083

MILLER FONTES BRANDÃO

IMAGEM DA ENFERMEIRA NO JORNAL *O ESTADO DE SÃO PAULO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem e Saúde, área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde”, linha de pesquisa Formação, Gestão e Trabalho em Enfermagem e Saúde.

Aprovada em 21 de Maio de 2021

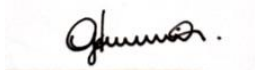
BANCA EXAMINADORA

Gilberto Tadeu Reis da Silva



Pós-Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo e professor titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Giselle Alves da Silva Teixeira



Doutora em Enfermagem e Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Luciana Barizon Luchesi



Doutora em Enfermagem Fundamental e Professora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP

Fernando Rocha Porto



Doutor em Enfermagem e Professor Associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Leonardo F. Nascimento



Doutor em Sociologia e Professor da Universidade Federal da Bahia- UFBA

A minha família, pela compreensão e paciência.
À minha mãe, pelo amor, zelo sem medidas e incentivo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por iluminar meu caminho e me dar força para seguir esta trajetória

À minha família, em especial minha mãe, esposa Aline e meu filho Arthur, que estiveram sempre presentes ao meu lado, me incentivando e dando todo o apoio necessário para que eu pudesse concluir esta missão.

Aos meus pais por todo incentivo desde sempre.

Aos amigos e companheiros de mestrado, em especial Josias e Ana Carolina com os quais compartilhei momentos felizes e difíceis. Vocês tornaram o processo muito mais leve.

Ao meu orientador, Professor Gilberto Tadeu Reis da Silva, pela parceria, paciência e compreensão. Diante das dificuldades e intempéries enfrentadas estive sempre pronto a me apontar os caminhos.

A amiga e coorientadora Giselle Alves da Silva Teixeira, por sua imensurável colaboração. Obrigada por me apoiar no momento em que mais precisei.

À banca de qualificação, Professor Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva, a Dra. Giselle Alves da Silva Teixeira, Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha, Dr. Leonardo F. Nascimento. Agradeço pelas críticas e sugestões que muito me auxiliaram na construção deste estudo.

À banca de defesa, Professor Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva, a Dra. Giselle Alves da Silva Teixeira, Dra. Luciana Barizon Luchesi, Dr. Fernando Porto e ao Dr. Leonardo F. Nascimento. Agradeço pela honra da disponibilidade de cada um de vocês.

Aos demais professores e colegas do GEPASE. As experiências partilhadas com o grupo de pesquisa foram enriquecedoras para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

RESUMO

BRANDÃO, Miller Fontes. **Imagem da Enfermeira no Jornal *O Estado de São Paulo***. 2021. 72f. Dissertação (Mestrado em enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2021.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, documental, exploratória com abordagem baseada no processo de investigação histórica que teve como objetivo analisar a imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999. Utilizamos como fonte de dados todas as edições publicadas pelo jornal nos 30 anos compreendidos entre 1970 e 1999, totalizando 10.950 edições publicadas no recorte temporal estudado. A coleta de dados foi realizada por meio de técnicas de *webscraping*, uma técnica proeminente para a coleta automatizada de dados *on-line*. Adotamos, como critério de inclusão a menção aos termos “enfermeiro” ou “enfermeira”, bem como ambas as palavras nos seus respectivos plurais, em qualquer momento do texto. Deste modo, o *corpus* de análise foi composto por 2.528 notícias. Identificamos uma média de sete notícias por mês a respeito da enfermeira. Entretanto, em 90,3%, a enfermeira foi apenas mencionada no texto, sem nenhum destaque ou relação com a notícia principal. Além disso, a maior parte das matérias foi veiculada na seção classificados, no formato de artigo ou coluna, que, por característica constitutiva, traz a opinião do autor sobre determinado tema. Nas notícias em que foi a figura secundária ou principal, identificamos características que remetem à dimensão cognitiva da imagem que foram agrupadas nas categorias de análise: Submissão à categoria médica; Representações dicotômicas: de anjos a demônios; A desvalorização do trabalho da enfermeira; A enfermeira profissional; A enfermeira consciente do seu papel político. Podemos inferir, com base nos dados analisados, que apesar do significativo quantitativo de notícias publicadas a respeito do tema durante o período analisado, isso pouco contribuiu para a construção da imagem da enfermeira enquanto profissional de saúde na sociedade brasileira porque a maior parte das notícias apenas mencionou a enfermeira no texto ou utilizou o termo para caracterizar um objeto ou situação. Além disso, as características das enfermeiras apresentadas nas notícias analisadas remetem a uma imagem ainda romantizada e distante da realidade do mundo do trabalho vivenciado pelas enfermeiras, reforçando antigos estereótipos ligados ao feminino e ao trabalho doméstico. Defendemos que é preciso abrir caminhos para o fortalecimento da imagem desta profissional enquanto trabalhadora que desempenha papel central em qualquer sistema de saúde. São profissionais que estão presentes em quase todos os serviços de saúde, de maneira contínua, todos os dias da semana. Elas representam o elo entre os diversos profissionais de saúde na condução dos processos de cuidados e ocupam, cada vez mais, espaços na gestão de serviços e sistemas de saúde.

Palavras-chaves: Enfermeiras e Enfermeiros. Meios de comunicação de Massa. Notícias;. Papel do profissional de enfermagem. Valorização Social.

ABSTRACT

BRANDÃO, Miller Fontes. **Image of the Nurse in the newspaper O Estado de São Paulo**. 2021. 72f. Dissertation (Master in Nursing) – School of Nursing, Federal University of Bahia, Salvador. 2021.

This is a qualitative, documentary, exploratory research with an approach based on the process of historical investigation that aimed to analyze the image of the nurse published in the newspaper O Estado de São Paulo from 1970 to 1999. We used all the data as source of data. editions published by the newspaper in the 30 years between 1970 and 1999, totaling 10,950 editions published in the studied time frame. Data collection was performed using web scraping techniques, a prominent technique for automated online data collection. We adopted, as an inclusion criterion, the mention of the terms "nurse" or "nurse", as well as both words in their respective plurals, at any time in the text. Thus, the corpus of analysis was composed of 2,528 news items. We identified an average of seven news per month about the nurse. However, in 90.3%, the nurse was only mentioned in the text, with no emphasis or relationship to the main news. In addition, most of the articles were published in the classified section, in the form of an article or column, which, by constitutive characteristic, brings the opinion of the author on a given topic. In the news in which he was the secondary or main figure, we identified characteristics that refer to the cognitive dimension of the image that were grouped in the analysis categories: Submission to the medical category; Dichotomous representations: from angels to demons; The devaluation of the nurse's work; The professional nurse; The nurse is aware of her political role. We can infer, based on the analyzed data, that despite the significant amount of news published on the topic during the analyzed period, this contributed little to the construction of the image of the nurse as a health professional in Brazilian society because most of the news only mentioned the nurse in the text or used the term to characterize an object or situation. In addition, the characteristics of nurses presented in the analyzed news refer to an image that is still romanticized and distant from the reality of the world of work experienced by nurses, reinforcing old stereotypes related to women and domestic work. We argue that it is necessary to open paths to strengthen the image of this professional as a worker who plays a central role in any health system. They are professionals who are present in almost all health services, on a continuous basis, every day of the week. They represent the link between the various health professionals in the conduct of care processes and increasingly occupy spaces in the management of health services and systems.

Keywords: Nurses. Mass Media. News. Nurse's Role. Social Desirability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal <i>O Estado de SãoPaulo</i> no período de 1970 a 1999.....	41
Figura 2 -	Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal <i>O Estado de SãoPaulo</i> no período de 1970 a 1999 conforme tipo de autor.....	42
Figura 3 -	Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal <i>O Estado de SãoPaulo</i> no período de 1970 a 1999 conforme o formato.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da pesquisa no acervo do jornal <i>O Estado de São Paulo</i> . Salvador/BA, 2020.....	32
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Profissional de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 IMAGEM DA ENFERMEIRA NO BRASIL	17
2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS ENFERMEIRAS NO BRASIL: de 1970 a 1999	20
2.3 A FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA O JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: OLHAR SOBRE O RECORTE TEMPORAL 1970 A 1999	25
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	29
3.2 FONTES DOCUMENTAIS	30
3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	32
3.4 ASPECTOS ÉTICOS	35
4 RESULTADOS.....	36
4.1 ARTIGO 1 – PANORAMA DA IMAGEM SOCIAL DA ENFERMEIRA DIVULGADA NA MÍDIA IMPRESSA PANORAMA DA IMAGEM SOCIAL DA ENFERMEIRA DIVULGADA NA MÍDIA IMPRESSA.....	37
4.2 ARTIGO 2 – IMAGEM DA ENFERMEIRA DIVULGADA NO JORNAL <i>O ESTADO DE SÃO PAULO</i> : DE 1970 A 1999	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A – Carta de aceite do artigo 1 pela revista <i>acta paulista de enfermagem</i>	71

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a imagem da enfermeira veiculada na mídia impressa.

A primeira escola de enfermagem moderna no Brasil foi criada em 1923, vinculada ao Departamento Nacional de Saúde Pública. A escola chamava-se Escola de Enfermeiras D. Ana Nery e era uma adaptação americana do modelo nightingaleano, redimensionando o modelo da enfermagem profissional no país.

Da criação da primeira escola moderna aos dias atuais, muitas mudanças ocorreram nas políticas de saúde e do exercício da enfermagem no nosso país. Essas mudanças refletem o contexto econômico, político, histórico e social da sociedade e da enfermagem brasileira, e podem resultar na construção de imagens distintas da enfermeira ao longo dos anos.

De acordo com o dicionário de filosofia Dorsch (2001), imagem é o quadro que uma pessoa tem do objeto de sua vivência. Este conceito está intrinsecamente relacionado à ideia de prestígio social e sua construção relaciona-se a compreensões, sentimentos e ações. Este autor aborda também que a imagem pode significar também a opinião que o público pode ter de uma instituição, organização ou personalidade ou ainda o conceito que uma pessoa tem de outrem (DORSCH, 2001).

Silva, Padilha e Borenstein (2002, p.588), abordam que a imagem “é representada por um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no contexto das práticas sociais, internas/externas a ela”. Sendo, uma rede de representações sociais da profissão, como um fenômeno histórico social e político.

Assim, a imagem social de uma profissão está intimamente ligada a prestígio social, reconhecimento e status e assim como concepções, sentimentos e atitudes que a sociedade correlaciona com a categoria.

A imagem positiva de qualquer profissão na sociedade pode resultar em poder, reconhecimento e status. Tudo o que se imagina sobre determinada categoria profissional é tão relevante quanto aquilo que ela realmente é, pois a repercussão de uma imagem criada pode favorecer ou dificultar o desenvolvimento de uma profissão, a sua valorização e o seu reconhecimento social (SANTOS et al., 1988).

A imagem profissional da enfermeira, portanto, representa um conjunto de ideias e concepções sobre o ser enfermeira de forma ideológica e prática com impacto direto na identidade profissional frente a suas características e significados exclusivos (NAUDERER, 2005).

Nesse sentido, a mídia, na condição de instrumento de veiculação de mensagens e informações na sociedade, assume um papel estratégico como (re)produtora de discursos que contribuem para formação de determinadas imagens de sujeitos, instituições e profissões.

A mídia impressa, particularmente, desempenha papel crucial no contexto social dando visibilidade por meio de notícias, classificados, anúncios e/ou reportagens a fatos, acontecimentos ou demandas do cotidiano publicitário ou jornalístico. Este meio de comunicação é um estimulador de discussões e debates que ocorrem em diversos espaços públicos e privados permitindo a informação e reflexão junto ao público leitor.

Contudo, deve-se considerar que este canal de transmissão sempre apresenta os fatos sob determinada perspectiva, a qual pode estar velada ou explícita nas notícias veiculadas, sendo esta imparcialidade inerente à atividade jornalística.

Lefèvre (1999) informa que apesar da função da mídia impressa, destacando-se jornais de grande circulação, a relação comercial da notícia é notória, pois para subsidiar o funcionamento do jornal, o dinheiro da compra dos jornais pelos seus leitores não é o suficiente, sendo os jornais obrigados a buscarem outras fontes mantenedoras, como as propagandas. O que pode, por vezes, gerar um conflito de interesses por um possível favorecimento aos seus anunciantes.

No que se refere à área da saúde, é comum que a mídia privilegie os interesses da população pelo meio jornalístico e a exposição midiática, frente a legitimidade dos fatos e eventos ocorridos, seja tendenciosa com fins de agradar os espectadores (MARTINEZ et al., 2017).

Entretanto, apesar dos possíveis vieses, a mídia impressa é destacada como importante fonte de informação para a sociedade, sendo fator impactante no cotidiano das pessoas. Lapuente (2015) aborda que o jornal impresso, seja em suas escritas ou nas fotografias que traz, influencia a opinião pública, que por sua vez influencia as próprias decisões políticas. É, portanto, importante fonte de pesquisa e em 1929 começou a ser explorado como material empírico pela terceira *École des Annales* (PINSKI, 2014).

A imprensa é tomada como fonte historiográfica na medida em que “[...] os estudiosos analisam os processos históricos nela contidos, extraíndo de suas páginas fatos registrados em ocasiões diferentes, mas que explicitam o modelo educativo informal empreendido na formação dos homens” (ROCHA, 2014, p. 23).

Sob esta condição, a imprensa é responsável por fornecer ao pesquisador as ações humanas produzidas em contextos específicos. Além disso, cabe ao historiador desvelar os discursos nela produzidos, os quais são condicionados por fatores políticos, econômicos e culturais; por isso, é relevante analisar a imprensa mediante a configuração social do espaço e do tempo em que foi produzida (MACHADO; RODRIGUES, 2017).

Nesse contexto, reconhecemos a influência da mídia na construção da imagem da Enfermagem ao longo de sua existência, enquanto campo profissional, no Brasil. Assumimos também que as constantes mudanças em atividades e perfil de profissionais da Enfermagem ao longo da história contribuíram para a concepção do que este campo profissional verdadeiramente é e do seu significado social.

As pesquisas sobre a imagem profissional da Enfermeira ao longo da história da enfermagem contam com uma quantidade significativa de fontes de informação a serem exploradas e a mídia impressa é, sem dúvidas, uma importante fonte de pesquisa.

Nessa direção, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração dos Serviços de Enfermagem (GEPASE) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia vem fomentando discussões e pesquisas sobre a imagem da enfermeira na Bahia, no Brasil e em países como Portugal, Espanha e México.

Como enfermeiro intervencionista no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) na cidade do Salvador há 09 anos, me inquietava a forma como são divulgadas as notícias sobre o serviço e atendimentos prestados pelos profissionais do SAMU, sempre elencando outros profissionais em detrimento do enfermeiro. Além disso, poucas vezes, me vi representado como enfermeiro nessas notícias.

As enfermeiras deste serviço desenvolvem atividades de coordenação e educação continuada e prestam assistência direta ao paciente nas unidades de suporte avançado terrestre, marítimo ou aéreo. Nas unidades de suporte básico estão os técnicos de enfermagem que desenvolvem assistência de menor complexidade. A literatura é rica no que diz respeito à importância dos serviços de atendimento móvel de urgência para salvar vidas e, também, para limitar danos decorrentes de agravos súbitos, acidentes, violência e desastres, todavia, o tão relevante papel da enfermeira não surge nesta literatura com tanta clareza.

Ao considerar que as situações de urgência e emergência são complexas e inesperadas, demandando, portanto, intervenções por profissionais com alto nível de desenvolvimento surge o descontentamento e a necessidade de compreender.

Atuo, também, com docente em instituição privada de ensino superior e preparatório para concursos e residências. Onde a minha imagem é o carro chefe das minhas abordagens e repercute nas oportunidades que se apresentam e na forma como progrediu na minha carreira.

Diante dessas inquietações e com minha participação no grupo GEPASE, onde tive a oportunidade de integrar a equipe de pesquisadores do projeto Militância política de enfermeiras no estado da Bahia; um projeto de doutoramento que analisou a temática no período de 1983 a 2007. Este projeto possibilitou a construção de um banco de dados, contendo notícias e fotografias sobre a enfermagem, publicadas pelo jornal de maior impacto na Bahia, o *Jornal A Tarde* e esse material subsidiou, ainda, duas dissertações de mestrado.

A partir dessa experiência e dos resultados apontados pelas pesquisas na Bahia, ingressei no curso de mestrado com a proposta de estudar como a mídia impressa, a nível nacional, reproduziu a imagem da enfermeira ao longo dos anos. O problema de pesquisa que se procura responder neste estudo, portanto, foi assim formulado: Como foi divulgada a imagem da enfermeira na mídia impressa brasileira?

Na busca de respostas à pergunta central definimos os seguintes objetivos para este estudo:

Objetivo Geral:

Analisar a imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999.

Objetivos Específicos:

- Identificar as notícias sobre enfermeiras divulgadas no jornal *O Estado de São Paulo* entre os anos de 1970 e 1999;
- Caracterizar a imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* entre os anos de 1970 e 1999.

A escolha pelo jornal *O Estado de São Paulo* se deu considerando que este é o mais antigo periódico ainda em atividade no país, tendo como data de fundação 4 de janeiro de 1875. Além disso, nas décadas investigadas, este jornal teve grande repercussão nacional, além de amplo alcance, confiabilidade e influência sobre a opinião de seus leitores.

Assim, compreender a forma como a enfermeira foi divulgada na mídia impressa, percorrendo importantes determinantes históricos para a construção da imagem da enfermeira, traz contributos para o campo da história da enfermagem e pode fornecer subsídios para repensarmos movimentos engajados com o desenvolvimento profissional (FARIA, 2013).

Também, estudar a história da construção da imagem da enfermeira, possibilita entender o processo de construção profissional, fornece elementos para refletir estratégias inovadoras para as questões que ainda inquietam a categoria e também promovem a sensibilização política por poder demonstrar as conquistas obtidas por meio de ações organizadas.

Assim, esta pesquisa assume um caráter desafiador e relevante, ao olhar o que já foi vivido, buscando contribuir com o conhecimento sobre a imagem da enfermeira divulgada na mídia e que influencia a imagem dessa profissional na sociedade brasileira, a fim de colaborar com a construção da imagem concreta dessa profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IMAGEM DA ENFERMEIRA NO BRASIL

Imagem significa a representação de uma pessoa ou de algo pela pintura, escultura, desenho, imitação ou cópia. Pode ainda, segundo o léxico, ser a reprodução visual de um objeto através de um espelho ou de um instrumento de óptica (DORSCH, 2001).

Para Ferreira (2016), a imagem é um conjunto de significados pelos quais avaliamos, descrevemos e vemos um objeto. Nesse sentido, pode representar a opinião das pessoas sobre determinada organização, entidade, instituição, bem como o prestígio que um indivíduo usufrui na sociedade, em dado segmento social ou corporação profissional. Sua concepção está intimamente ligada à ideia de prestígio social e sua construção relaciona-se a concepções, sentimentos, atitudes, crenças e impressões formadas pela sociedade a respeito do objeto.

A imagem profissional de uma corporação na sociedade pode estar associada ou não às representações que a envolvem, tais como valorização, status ou poder. De qualquer forma, o que a sociedade pensa a respeito de um profissional é tão importante quanto aquilo que ele realmente é, pois a projeção de uma imagem negativa dificulta o desenvolvimento da profissão e o seu reconhecimento por parte da sociedade (SANTOS et al., 1988).

Do mesmo modo, a construção de uma imagem pode ou não refletir a realidade, uma vez que envolve domínios subjetivos e de percepção que retratam a opinião e percepção do público sobre o objeto (JOLY, 2003).

Segundo May (1974), a imagem é composta por várias dimensões, as quais podem ser classificadas em tangíveis ou intangíveis, mensuráveis ou não mensuráveis. Johnson e Zinkhan (1990), Stern, Zinkhan e Jaju (2001), De Toni, Milan e Schuler (2004) e De Toni (2009) reforçam a existência de diversas dimensões e propõem as seguintes classificações: funcional, simbólica, emocional e cognitiva.

A dimensão funcional é constituída por elementos tangíveis que refletem atributos físicos e de aparência do objeto que dependem de sua atuação e funcionalidade. Como dimensão racional, nela está contida a percepção do objeto de modo externo (STERN; ZINKHAN; JAJU, 2001).

A dimensão simbólica está relacionada com o significado que o objeto possui para si, de forma única, independentemente de qualquer outra percepção que exista sobre ele. É este significado que o torna um objeto com valor inestimável positivamente ou não (ZINKHAN; JAJU, 2001; DE TONI et al., 2011).

A dimensão emocional envolve sentimentos e emoções em relação ao objeto; perpassa

por experiências que conduzem à construção da sua imagem e expressa de que forma a sua vivência se relaciona com o objeto (DE TONI; MILAN; SCHULER, 2005).

Por fim, a quarta dimensão, a cognitiva, é constituída por construções e concepções sobre o objeto e compreende as crenças e estereótipos sobre este objeto. Trata-se de uma construção mental que pode estar distante da realidade, uma vez que é subjetiva e influenciada pelo meio. Nessa dimensão, posiciona-se o conjunto de ideias, percepções, impressões, sentimentos, julgamentos e atitudes sobre o objeto (DICHTER, 1985; DOBNI; ZINKHAN, 1990).

Com base nessas dimensões que compõem a construção da imagem, Roberts (2003) conceitua a imagem profissional como o conjunto de percepções que a sociedade possui a respeito da competência, do caráter e da postura dos indivíduos que a exercem. Assim, a imagem profissional remete à identidade da profissão e depende de suas características e significados exclusivos.

A imagem de qualquer categoria profissional na sociedade pode ser associada a poder, reconhecimento, autonomia e status. O imaginário social sobre a profissão nem sempre corresponde à sua atuação fidedigna, mas precisa ser valorizado, visto que projeção de uma imagem negativa é um impeditivo para o desenvolvimento da profissão, além de dificultar seu reconhecimento social (SILVA, 2002; PIERROTI, 2020).

Para Silva, Padilha e Borenstein(3), a imagem profissional da enfermeira é resultado uma rede de representações sociais da profissão, expressa por um conjunto de conceitos, afirmações e explicações. Nesse sentido, tal imagem reproduz e é reproduzida por ideologias originadas no contexto das práticas sociais, internas/externas a ela.

A imagem da enfermeira é, portanto, composta por uma rede de representações sociais a respeito dessa profissão. Ao longo dos anos, tal imagem mantém-se permeada por estereótipos que dificultam sua atuação (PIERROTTI, 2020).

Estudos mencionam diversos pressupostos contributivos e deletérios à profissão, os quais são reforçados por uma trajetória histórica de submissão à categoria médica, predomínio feminino e estereótipo de uma profissão pautada em atividades eminentemente manuais. A presença de todos esses fatores, durante um longo período de tempo, contribuiu para uma significativa desvalorização desta categoria na sociedade (NÓBREGA et.al.,1996).

Atualmente, apesar do crescente ingresso de enfermeiros nesta carreira, ainda predomina a percepção de ser uma profissão feminina (Nauderer e Lima; 2005). Isto remete à história da enfermagem, cujo início foi marcado pela atuação de mulheres em períodos de guerra, quando assumiam a missão de cuidar dos feridos enquanto os homens lutavam

(COELHO, 2005, p.346).

Contribuiu para este perfil o fato de a função de selecionar os candidatos que ingressariam no curso de enfermagem ter estado, até a década de 70, a cargo das faculdades, e a maioria delas não aceitar homens (BAPTISTA; BARREIRA, 1997).

Embora sem qualquer argumento que se sustente com racionalidade ainda nos dias de hoje, o trabalho de enfermagem, enquanto atividade laboral, mantém-se desvalorizado socialmente, somente por se confundir com o trabalho doméstico e ser realizado por mulheres. A atuação histórica das mulheres no cuidado inibiu a participação dos homens nas carreiras e fortaleceu os estereótipos (COELHO, 2005).

Além disso, atrela-se a esta profissional uma atuação diminuta, inferior, submissa e de secretariado à atuação médica, pois, no imaginário social, a atividade médica possui maior representação simbólica (PEREIRA; SILVA, 1997).

Na interação médico-enfermeira predomina a imagem de que a resolutividade das questões de saúde virá do profissional médico e que a enfermeira apenas o auxilia (BAPTISTA; BARREIRA; 1997). O caráter manual da assistência em enfermagem contribui para sua desvalorização, pois as atividades práticas são vistas como inferiores em relação ao trabalho intelectual, científico, atribuído ao médico.

Importante mencionar que, neste conjunto de estereótipos atrelados à imagem da Enfermagem, ainda persistem no imaginário social as representações dicotômicas de sagrado e profano, santa e prostituta, que associam as enfermeiras a figuras de anjos de branco, santas e religiosas. Tais representações podem ser explicadas tanto pela cor dos uniformes (branca) como pelas virtudes esperadas de enfermeiras e religiosas, ou seja, obediência, respeito à hierarquia e humildade. As enfermeiras também são vistas como anjos que protegem vidas humanas, aproximando-se, muitas vezes, de super-heróis, quenão sentem dores, não têm necessidades, horários ou família (ALCÂNTARA, 1963).

Os estereótipos de papéis de gênero refletem uma imagem da enfermeira como passiva, fraca, dependente. Além disso, criaram uma imagem na mídia da enfermeira como símbolo sexual (KALER; LEVY; SCHALL, 1989).

Todavia, apesar destas significativas implicações históricas, o processo de mecanização do cuidado tem sido discutido com mais frequência no âmbito da Enfermagem, que iniciou o processo de rompimento com a imagem de “profissional devota e obediente”. Paralelamente, a categoria busca se desvencilhar desta concepção religiosa “que enfoca a questão técnica do cuidado”, o que pode indicar o início de uma ruptura com os paradigmas hegemônicos na saúde (BUENO; QUEIROZ, 2006).

Mais recentemente, a imagem da enfermeira tem chamado a atenção da sociedade, em virtude dos imensuráveis esforços desta categoria para controle da pandemia da Covid-19. As enfermeiras estão presentes em todas as ações de enfrentamento à pandemia, desde as atividades preventivas até os cuidados especializados nas Unidades de Terapia Intensiva.

Apesar do protagonismo das enfermeiras no cuidado profissional aos pacientes acometidos pelo coronavírus, as notícias vinculadas na mídia sobre o trabalho dessas profissionais ainda vem revestidas de estereótipos e reforçam a imagem da prestação de cuidados abnegada e virtuosa, subordinada ao trabalho médico, sem considerar o caráter profissional desse cuidado.

2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS ENFERMEIRAS NO BRASIL: de 1970 a 1999

O golpe militar de 1964 interrompeu um processo democrático no país, provocando transformações em todos os setores da sociedade brasileira. Na área da saúde, priorizou-se o modelo assistencial centrado no hospital e na mercantilização da saúde em detrimento à medicina preventiva e o movimento de descentralização das ações de saúde foi abandonado.

Na área da educação, a segunda metade da década de 1960 evidenciou um momento de crise na universidade brasileira, com intensa mobilização estudantil pressionando por maior oportunidade de acesso ao ensino superior, mais verbas para a educação e melhor qualidade de ensino, que culminou com a implantação de uma política educacional que se automeia Reforma Universitária, através da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968 (FERNANDES, 1988, 2006^a).

As mudanças oriundas desse processo antidemocrático, propostas para a saúde e a educação, se refletiram no campo da enfermagem, alterando a formação das enfermeiras e, conseqüentemente, sua prática nos serviços de saúde.

O vestibular unificado, estabelecido pelo Decreto 68.908/1971 (BRASIL, 1971), para a admissão aos cursos de graduação, de caráter obrigatório e classificatório permitiu que os interessados em ingressar na universidade assinalassem suas preferências em relação aos cursos.

Para a enfermagem este decreto se constitui num marco significativo e relevante neste período dado que as escolas de enfermagem não seriam mais responsáveis pelo processo seletivo para ingresso ao curso e seriam obrigadas a receber alunos de ambos os sexos, de todas as classes sociais.

Assim, espaços de formação de enfermeiras, como a Escola de Enfermagem Anna Nery, que até este momento só recebia mulheres e tinha muitos requisitos elitistas, passaram a ter um

quadro discente mais heterogêneo e, ainda que distante da realidade concreta da sociedade brasileira, já representava um avanço na mudança da categoria profissional.

Ainda como reflexo da Reforma Universitária, o currículo proposto para a formação das enfermeiras no Brasil foi alterado através do Parecer nº 163 de 27 de janeiro de 1972 da Comissão Central de Revisão de Currículos e aprovado pela Resolução n.º 4 de 25 de fevereiro do mesmo ano.

O currículo passou a ser constituído de três partes: pré-profissional, tronco profissional comum e habilitações. As habilitações, por opção das alunas, abrangiam a enfermagem médico-cirúrgica, enfermagem obstétrica e enfermagem de saúde pública (FERNANDES, 1988; FERNANDES, 2006^a).

Ainda em 1972, duas docentes da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foram designadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a participarem da mobilização das Escolas de Enfermagem para debater a criação de cursos de pós-graduação na área da enfermagem. Desse debate, resultou a criação, na Escola Anna Nery, do primeiro curso de mestrado enfermagem no país.

A crise do capitalismo, particularmente do Estado de Bem-Estar e do modelofordista-taylorista de produção, fez emergir na década de 1970 o neoliberalismo, caracterizado pela intensificação do movimento de internacionalização, pela implementação de um modo mais flexível de acumulação de capital; redução da esfera pública e ampliação da esfera privada e, sobretudo, pela precarização do trabalho (TEIXEIRA, 2015).

Diante do avanço das propostas neoliberais que, em muito, trazem reflexos negativos para os trabalhadores, a década de 1970 foi marcada pela criação de conselhos de classe. Em 12 de julho de 1973, por meio da Lei nº 5.905/73 foi criado, então, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e seus respectivos Conselhos Regionais (CORENs) que juntos, formam o Sistema COFEN/Conselhos Regionais (BRASIL, 1973).

Filiado ao Conselho Internacional de Enfermeiros em Genebra, o COFEN é responsável por normatizar e fiscalizar o exercício da profissão de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, zelando pela qualidade dos serviços prestados e pelo cumprimento da Lei do Exercício Profissional da Enfermagem (BRASIL, 1986).

O intenso crescimento industrial evidenciado no Brasil nesta década não apresentou uma correspondência no campo social. Os problemas de saúde eclodiram e se tornaram politicamente relevantes, sendo pauta de congressos, seminários e encontros. Os profissionais de saúde, entidades de classe e setores da sociedade civil passaram a denunciar as questões relativas à saúde e as distorções operadas na assistência à saúde da população.

Diante desse cenário, o movimento sanitário voltou a ser difundido nos espaços de construção da medicina comunitária, coordenado por grupos de intelectuais em espaços acadêmicos e institucionais que se constituiu na base político-ideológica da Reforma Sanitária Brasileira (TEIXEIRA, 2015).

Em 1976 surgiu a Primeira Associação Profissional a requerer a carta sindical no município do Rio de Janeiro e as líderes de enfermagem do país, por meio do COFEN, propuseram um projeto de lei do exercício profissional para substituir a Lei nº 2604/55 que limitava a atuação profissional subjugando-a (SANNA, 1996).

A década de 1970 foi, portanto, marcada pelas enfermeiras buscando por reconhecimento e iniciando um contato com as teorias de enfermagem a fim de evidenciar como o cuidado em enfermagem era uma ciência. Com isso a enfermagem passa a adotar uma sistematização do cuidado para sua assistência (NAUDERER, 2005).

Nessa direção, em 1971 foi criado o Centro de Estudos de Pesquisa em Enfermagem (CEPEen), um órgão da ABEn, com objetivo de incentivar o desenvolvimento e a divulgação da pesquisa em enfermagem, organizar e preservar documentos históricos da profissão.

Em novembro de 1979 foi realizado o I Seminário de Pesquisa em Enfermagem (SENPE), sediado pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, cuja temática central foi O Estado Atual da Pesquisa em Enfermagem no Brasil. O SENPE acontece a cada dois anos e atualmente é um dos eventos de maior importância e significado para o calendário científico da enfermagem brasileira

Diversos movimentos políticos e sociais também eclodiram nesse período, em que se destacou a Conferência de Alma Ata, em 1978, cuja meta foi “Saúde para todos no ano 2000”; a saúde passou a ser visualizada como resultante do desenvolvimento sócio- econômico das nações, além de abrir possibilidades para a participação popular nas discussões sobre saúde.

Na década de 1980 o Movimento Participação, movimento de maior mobilização política da história da enfermagem até os dias atuais, impulsionado pelo contexto da época mobilizou as enfermeiras que também buscavam a renovação da profissão, em um longo embate travado dentro da própria Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) (PIRES, LORENZETTI e ALBUQUERQUE, 2015).

A ABEn é uma associação de caráter cultural, científico e político, que congrega pessoas diferentes grupos da enfermagem, desde as profissionais (Enfermeiras; Técnicas de Enfermagem; Auxiliares de Enfermagem) como as instituições formadoras e associações de especialistas (ABEn, 2021). Fundada em 1926 pelas primeiras enfermeiras formadas pela Escola de Enfermagem Anna Nery, com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras

Diplomadas, passando a denominar-se ABEn somente em 1954.

Continuamente os anos seguintes foram responsáveis por validar esse processo de renovação da profissão, o qual em parte culminou com a publicação da Lei n. 7.498 de 1986, que regulamentou o processo de enfermagem como atribuição exclusiva da enfermeira (KLETEMBERG et al, 2010).

A década de 1980 marca um momento de intensa produção intelectual da enfermagem por meio do CEPEn. No período de 1979 a 1988 foram publicados 349 pesquisas, confrontando com as décadas anteriores onde foram publicados 3 trabalhos (década de 1960) e 154 (década de 1970), com a realização de quatro SENPEs: Ribeirão Preto (1979), Brasília (1982), Florianópolis (1984) e São Paulo (1985).

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o país já sofria as consequências da crise do modelo econômico adotado por países capitalistas a partir do segundo pós-guerra. A superação dessa crise encontrou suporte na adoção de políticas neoliberais. Muitas propostas de reforma do Estado foram difundidas, sempre com o discurso de que serviço público necessitava de eficiência, qualidade, flexibilidade e produtividade. O setor saúde, no entanto, caminhou na contramão da política neoliberal

A VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986 estabeleceu três referenciais para a Reforma Sanitária Brasileira: (1) um conceito amplo de saúde; (2) a saúde como um direito do cidadão e um dever do Estado; (3) a instituição de um sistema único de saúde, organizado pelos princípios da universalidade, da integralidade, da descentralização e da participação popular (BRASIL, 2007b).

Assim, como resultado da luta pela redemocratização do país, em 1988 foi promulgada a Constituição Federal que estabelece, entre outras coisas, que a saúde “é um direito de todos e dever do Estado, garantidos mediante políticas sociais e econômicas” (BRASIL, 1988). A Constituição Federal de 1988, em seu art. 196, instituiu o Sistema Único de Saúde (SUS), um sistema que visa a ampliação das responsabilidades do Estado com o setor saúde, a inclusão social e a redução das desigualdades através do seu caráter gratuito e universal.

Para a enfermagem, o final da década de 1980 representou um momento de conquistas importantes: (1) Foi regulamentada a participação da enfermagem no planejamento, execução e avaliação de Programas de Saúde e nos Planos Assistenciais de Saúde; (2) Obrigatoriedade da existência de órgão de enfermagem na estrutura básica de todas as organizações de saúde sob a direção de enfermeiras; (3) Obrigatoriedade de habilitação legal e registro no sistema COFEN/COREN para o exercício profissional; (4) Reconhecimento do exercício profissional

do técnico de enfermagem; (5) Reconhecimento da autonomia técnica do enfermeiro; (6) Obrigatoriedade de registro das organizações privadas de prestação de serviços de saúde e ensino nos CORENs; (7) Aprovação de regulamento que definiu o prazo de 10 anos para a profissionalização de todo o pessoal de enfermagem (atendentes de enfermagem); (8) Aprovação da Lei n.7498, de 25 de junho de 1986, que dispunha expressamente a atribuição do enfermeiro, como integrante da equipe de saúde com atuação preventiva (VIETTA, 1998).

A implementação do SUS trouxe a necessidade de mudança no modelo assistencial para atender seus princípios estruturantes – universalidade, integralidade e equidade – ao passo que exigiu uma mudança, também, no perfil dos trabalhadores em saúde.

O “objeto” das práticas em saúde mudou à medida que o próprio sistema de saúde mudou. Atender aos princípios do SUS requer muito mais do que conhecimentos técnicos; exige conhecer a lógica proposta para este novo sistema de saúde, seus princípios, suas diretrizes, seus desafios, bem como o perfil e as necessidades da população assistida (TEIXEIRA, 2015).

A formação de profissionais para esse novo sistema de saúde, precisava garantir o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para o redirecionamento intelectual, moral, ético e político, ou seja, uma formação com tendência “generalista” para atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde.

O SUS alterou o cenário nacional da saúde não apenas porque requer mudança nas práticas e nos modelos formativos. O SUS amplia significativamente a oferta de vagas de empregos no setor saúde, a partir de criação de novos serviços de saúde, sobretudo a partir da implantação do Programa de Saúde da Família em 1994, atualmente desenvolvido como Estratégia de Saúde da Família (ESF), por não se tratar mais apenas de um programa.

As enfermeiras, enquanto membros da equipe multiprofissional em saúde, precisaram rever suas práticas profissionais para o atendimento integral à saúde individual e coletiva da população. O currículo de 1972 não contemplava as necessidades vigentes e precisava ser reformulado. Entidades de classe, escolas e organizações de saúde se engajaram em discussões sobre o perfil profissional requerido para enfermeiras dentro do SUS.

A troca de experiências e a riqueza das discussões geradas nesse movimento subsidiaram o Parecer n.º 314/94 do Conselho Federal de Educação, homologado pela Portaria n.º 1.721 do Ministério da Educação, em 15/12/1994, surgindo, assim, um novo currículo para os cursos de graduação em enfermagem (BRASIL, 1994).

Apesar de contemplar algumas propostas apresentadas pela categoria das profissionais de enfermagem, esse novo currículo gerou algumas insatisfações, tais como aquelas relacionadas à ausência das disciplinas da área de educação, desconsiderando a função educativa da enfermagem.

A partir de 1995, inicia-se a Reforma do Ensino Superior no Brasil, quando houve um movimento para levar as instituições públicas de ensino a potencializar recursos e racionalizar custos no sistema educacional. Esse movimento culmina com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sob a Lei nº 9.394 de 20/12/96 (BRASIL, 1996).

A LDB/96 define o perfil do profissional a ser formado, como aquele indivíduo crítico, reflexivo, dinâmico, ativo, adaptável às demandas do mercado do trabalho, apto a aprender a aprender, a assumir os direitos de liberdade, atender as tendências do mundo globalizado (BRASIL, 1996).

As insatisfações frente ao currículo de 1994 e a necessidade de mudanças diante da LDB eram manifestadas nos diversos eventos científicos da área, particularmente nos Seminários Nacionais de Diretrizes para a Educação em Enfermagem (SENADEn), criados, pela ABEn, a partir de 1994 e trouxeram contribuições significativas para a construção das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF) implementadas posteriormente em 2001.

2.3 A FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA O JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: OLHAR SOBRE O RECORTE TEMPORAL 1970 A 1999

A imprensa não interfere apenas nas questões políticas, mas também interfere em diferentes áreas da vida social, expressando e disseminando ideias, valores, referências, memórias, ideologias, pensamentos e comportamentos, utilizando isso para expressar sua historicidade, o que torna a imprensa uma fonte inesgotável de pesquisas.

Por meio dos jornais, é possível descobrir e entender o processo da sociedade, inclusive no contexto das profissões. Debates e posicionamentos políticos, ideológicos, econômicos, lutas sociais e trabalhistas, costumes e grupos sociais, atividades culturais podem ser localizadas nos diversos espaços que compõem um jornal (PONTES, 2019).

Apesar de riquíssima fonte de dados, Leite (2015) aborda que um jornal seleciona, se posiciona, omite, inverte, reverte, manipula, destaca e oculta os fatos e posições de acordo com os seus interesses, muitas vezes, se expressando como porta-voz de toda uma sociedade, quando na realidade está veiculando os anseios de um grupo específico.

Todavia, este mesmo autor conclui que esses fatores não aboliram ou reduziram a importância dos periódicos como fonte de conhecimento social no passado, mas expuseram suas limitações, exigindo procedimentos teóricos e metodológicos aprofundados para análises qualitativas e quantitativas.

Deste modo, evidencia-se que jornais e outras formas de comunicação e notícias

tornaram-se importantes fontes de documentação, pois o discurso jornalístico e sua linguagem não se limitam a um conjunto de vocabulário, mas também podem servir como um nível básico que pode revelar as relações sociais. Portanto, o poder político que compõe os grupos sociais se expressa nos jornais e a sua influência na ótica da sociedade (XAVIER, 2019).

O presente estudo trabalha com o jornal impresso entendendo que estes têm grande impacto para e na sociedade, que se constitui na mídia impressa. Todavia, constitui-se como necessária a compreensão de que os instrumentos midiáticos têm diferentes aspectos envolvidos e, sendo que esta pesquisa por se tratar de um período já vivido em época passada, não se pode comparar com o tempo presente.

Nossa opção para utilizar a mídia jornalística impressa no jornal O Estado de S. Paulo, deveu-se por sua visibilidade e antiguidade. O jornal também conhecido como Estadão, é um jornal brasileiro publicado na cidade de São Paulo desde 1875. Ao lado de O Globo, Folha de S. Paulo, Zero Hora, Correio Braziliense e Estado de Minas, entre outros, forma o grupo dos principais jornais de referência do Brasil (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015; CARVALHO, 2013)

O Jornal O Estado de São Paulo foi fundado no dia 04 de janeiro de 1875, ainda no tempo do Brasil Império, por um grupo de cafeicultores na cidade de São Paulo, com o nome A Província de São Paulo, o qual resultava de uma aliança entre elites rurais e burguesia ascendente, com base nos ideais de um grupo de republicanos.

Foi o pioneiro em venda avulsa no país, fato pelo qual foi ridicularizado pela concorrência. Este modelo de venda foi impulsionado pelo imigrante francês Bernard Gregoire, que saía às ruas montado num cavalo e tocando uma corneta para chamar a atenção do público e aumentar a tiragem do jornal que, décadas depois, viraria o próprio símbolo do jornal. Ao final do século XIX, o estadão já era o maior jornal de São Paulo, superando em muito o Correio Paulistano (PONTES, 2019).

A partir de 1902, o jornal apoiou a causa aliada na Primeira Guerra Mundial, sofrendo represália da comunidade alemã e censura por parte do governo. Frente a isto, durante a guerra, passa a circular a edição vespertina do jornal, conhecida como “Estadinho” (MARTINS, 2011; COELHO, 2020).

Quando de sua fundação o jornal surgiu com quatro páginas e uma tiragem de 2.025 exemplares. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015). O termo “Província” foi conservado até 31 de dezembro de 1889, um mês após a queda da Monarquia e instituição da República no Brasil, embora tivesse apoiado a troca de regime, o jornal se mostrou independente de qualquer partido político, recusando-se a servir aos interesses do ascendente

Partido Republicano Paulista (PRP) (SACHILIELLO, 2015).

Durante a República Nova o jornal alinhou-se à União Democrática Nacional e fez oposição a todos os governos, em especial o de João Goulart e chegou a escrever o “Roteiro da Revolução”, procurando unir a oposição civil aos militares. Em 1964, o Estado apoiou o golpe militar. Com o início da ditadura militar, o Estado sofreu censura de transparência na divulgação (MARTINS, 2011).

O jornal desde sua criação exibe seu posicionamento político no cerne de suas notícias, identificado com o pensamento “conservador” ou “neoliberal” no Brasil, desde o final da ditadura no país, o jornal tem assumido uma posição mais liberais também no âmbito social e político (MARTINS, 2011; COELHO, 2020).

Podemos afirmar a partir do percurso histórico do jornal que ele sempre atuou na compreensão política da época e imbricando-se com as esferas do poder que governava o país à época. Ao final do século XIX, o Estado já era o maior jornal de São Paulo, superando em muito o Correio Paulistano. O fim da Segunda Guerra Mundial, o Estado viu enorme progresso, com o aumento da tiragem e de seu prestígio nacional. A administração dos interventores mostrou-se financeiramente eficiente e o periódico gozava de ótima situação financeira (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015).

No período da ditadura militar, somada a morte de Mesquita Filho, o Estado passou a ser dirigido, em 1969, por Júlio de Mesquita Neto. Nesse período o jornal ganhou visibilidade mundial ao denunciar a censura prévia com a publicação de trechos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, no lugar de matérias proibidas pelos censores. Outros poetas, como Gonçalves Dias, Castro Alves, Manuel Bandeira e Cecília Meireles também tiveram obras suas publicadas no lugar de matérias censuradas. Entre 29 de março de 1973 e 3 de janeiro de 1975, o Estado teve 1136 textos cortados — em 655 ocasiões, versos de *Os Lusíadas* foram colocados no lugar das matérias cortadas. Muitos jornalistas do Estado foram perseguidos, presos e torturados. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015).

A partir da década de 1970 o jornal endividou-se para a construção de sua nova sede na Marginal Tietê (para onde se mudou em 1976) e passou por severa crise financeira, disputando o mercado com o novo padrão de jornalismo representado pela Folha de S. Paulo (DI CARLO, 2010)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Estado viu enorme progresso, com o aumento da tiragem e de seu prestígio nacional. A administração dos interventores mostrou-se financeiramente eficiente e o periódico esbanjara ótima situação financeira. O jornal era o segundo na Grande São Paulo, com média diária de 159,9 mil exemplares em 2007 e o quarto

em circulação no Brasil em 2015, com uma média diária de 157.761 mil exemplares e terceiro na versão digital com 78.410 visitas, entretanto, vem sofrendo uma queda acelerada no número de leitores, assim como outras grandes publicações brasileiras (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015).

“Notas e Informações” é o nome da mais antiga de todas as seções, localizada na página 3, manteve o tradicional formato do jornal de reunir, em seus editoriais, conservadorismo político e liberalismo econômico, sendo uma das colunas mais simbólicas de O Estado de S. Paulo, identificado com o pensamento “conservador” ou “neoliberal” no Brasil. Entretanto, desde o golpe militar de 1964, o jornal vem tomando posições mais liberais também no âmbito social e político. O Grupo Estado diz defender o sistema democrático de governo, o Estado de direito, a livre iniciativa, a economia de mercado e um Estado comprometido com um país economicamente forte e socialmente justo (CARVALHO, 2013). As décadas de 1980, 1990 e 2000 registraram a história do jornal com uma reestruturação na cúpula editorial e a redação do jornal. Ao longo dos primeiros anos da década de 1980, o jornal manteve-se no que, de acordo com o ponto de vista de sua direção, configuraria uma linha editorial independente. Em fins de 1983, o jornal sofreu atentado por ação de grupos de direita. Por essa época iniciava-se a campanha das diretas, afim de reestabelecer as eleições diretas para a presidência da República, tendo como pano de fundo a divisão das forças governistas quanto à sucessão do presidente João Figueiredo (DI CARLO, 2010).

A postura liberal de O Estado de S. Paulo fez com que entrasse em choque com o governo de Fernando Collor. Tais mudanças provocaram uma renovação desde o noticiário do jornal, como também, empreendeu uma série de reformas gráficas, que redundariam na adoção, em 1991, de cores no jornal e de edições diárias – até então o Estado não circulava às segundas-feiras e dias seguintes a feriados. A indicação de Fernando Henrique Cardoso para ministro da Fazenda em maio de 1993 foi vista de forma positiva pelo jornal, que ressaltou no senador a figura do intelectual com profundo conhecimento do país (CARVALHO, 2013).

O jornal se manifestou totalmente contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) alegando que os objetivos do MST eram puramente eleitoreiros, além de ser, segundo os editoriais, uma “organização paramilitar” que comandava um “movimento anticonstitucional”. De acordo com o jornal, a vitória de Fernando Henrique no pleito de outubro de 1994 favorecia novas entradas de capitais e viabilizaria o êxito do Plano Real. O jornal ainda frisou a grande vitória de seus aliados formando uma consistente base parlamentar que viabilizaria a aprovação das reformas constitucionais (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015).

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, documental, exploratória com abordagem baseada no processo de investigação histórica. Filho (2016), aborda que a pesquisa histórica tem a finalidade de explicar os acontecimentos presentes e contribuir para prever os acontecimentos futuros a partir da reconstituição do passado. Esse processo deve ser realizado de forma sistemática e exige rigor metodológico na definição e na busca dos dados, precedido de análise acurada do material encontrado, permitindo conhecer e refletir sobre o fenômeno estudado.

Possibilitando o referido rigor metodológico, como em outras modalidades de pesquisa, Padilha e Borenstein (2005) esclarecem que o estudo histórico segue um processo metodológico e investigativo em quatro fases distintas, nas quais o pesquisador deve: (1) Definir o problema e formulação de hipótese norteadora do estudo; (2) Realizar levantamento dos dados em registros do passado ou obtidos com sujeitos presentes no período de interesse; (3) Validar dos dados históricos visando garantir a autenticidade dos dados; (4) Analisar e interpretar os dados de forma objetiva e, correlacionando com os contextos existentes nos cenários social, político e econômico.

Algumas dificuldades, corriqueiras e mais comuns a este tipo de estudo se relacionam à falha na formulação do problema de pesquisa e no marco teórico, nas condições de conservação das fontes de dados e na imprecisão de dados oriundos de depoimentos de pessoas com idade avançada (BORENSTEIN; ALTHOFF, 1995).

Todavia, a observação atenta das etapas, supramencionadas na proposta e a objetivação clara do que se pretende alcançar, podem garantir, em parte, a ausência de viés nos resultados, mas minimizam a sua ocorrência.

Segundo Filho, 2016, o campo da enfermagem, traz que este modelo de pesquisa contribui para a compreensão da situação atual da profissão através do conhecimento de acontecimentos do passado, pois as transformações ocorridas desde o seu surgimento até a sua consolidação profissional estão relacionadas aos contextos sociais, políticos e econômicos de determinada época.

Com relação à pesquisa histórica na enfermagem, Padilha et.al (2017) abordam a relevância da utilização de fontes documentais na procura por evidências que permitam lançar um olhar para o passado com o objetivo de buscar o tempo já vivido.

O estudo documental na enfermagem, conforme Teodósio et al. (2016), propicia a

reconstrução da contextualização histórica, por ter em seu cerne documentos ainda não analisados, sendo um desafio a esta técnica de pesquisa a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar o dado, procurando compreender a interação com sua fonte.

Optou-se também pela pesquisa exploratória pelo fato de o estudo buscar um conhecimento em fontes ainda não trabalhadas, com conteúdos desconhecidos quando se objetiva a finalidade a que se propõe esse projeto. Conforme proposto por Laville e Dione (2008), a pesquisa exploratória tem a finalidade de aproximar o pesquisador do problema a ser estudado, proporcionando uma visão geral de determinado contexto. Assim, esta busca contará com levantamento bibliográfico de matérias escritas, entre os anos de 1970 e 1999 publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*.

A pesquisa qualitativa analisa situações complexas e particulares, deste modo, se aplica ao estudo da história, das relações, das percepções e representações, compreendendo a interpretação dos sujeitos, de como vivem, pensam e se constituem no ambiente social (MINAYO, 2014).

Na área da saúde a pesquisa qualitativa tem grande destaque, pois permite diferentes visões e posições do sujeito, porém, respeitando o rigor técnico envolvido na sua elaboração para confiabilidade dos dados oriundos da pesquisa (MEDEIROS et al, 2012).

O método qualitativo é adequado ao estudo de grupos delimitados, de histórias sociais, sob a perspectiva dos autores, e nas análises de discursos e de documentos. Tal abordagem se mostra mais do que adequada, por procurar compreender um fenômeno, inserido em um contexto social e político, inserido na perspectiva histórica da transição e construção da imagem (MEDEIROS et al., 2012).

Padilha, Borenstein e Santos (2015), abordam importantes aspectos de abordagem de pesquisa histórica, e confirma que os documentos existem como evidência dos acontecimentos, e é por meio deles que se pode investigar e concretizar os fatos estudados, considerando assim os documentos como testemunhos históricos.

3.2 FONTES DOCUMENTAIS

Considerando as características da pesquisa histórica, a escolha das fontes de dados deve ser direcionada pelo problema de pesquisa apresentado pelo investigador, o qual deve decidir pelo melhor caminho para se chegar à compreensão do objeto investigado, por meio da determinação dos documentos a serem estudados (PINSKI; DE LUCA, 2013).

Nesta tônica, o investigador precisa compreender que as fontes documentais são fontes de dados, que por si só, nada explicam. É a interpretação do investigador com olhar e foco objetivado no cenário contextual possibilitará significar os dados analisados, indicando tendências, possíveis generalizações e, antever uma interpretação própria dos dados obtidos. (RICHARDSON, 1989).

A mídia é um manancial de informação aos indivíduos. Nas últimas três décadas a produção de informações superou a realizada nos últimos cinco mil anos. Isto faz com que a mídia se torne um meio constante no dia a dia das pessoas e tende ao crescimento constante.

Assim, este estudo versará sobre o fato bem como, nas formas como este foi apresentado e representado para a sociedade a partir do ponto de vista do meio de comunicação em massa. No que pese a força de veículos de mídia devido à sua utilização no âmbito nacional, e à ampla abordagem dos mesmos em seus artigos, através deles se pode obter um dimensionamento de informações de amplo espectro e diferente ângulos de visibilidade.

O uso de material jornalístico impresso, assim como de outros meios de comunicação em massa, apresenta inúmeras vantagens, Pinski (2014), aborda que esta fonte possibilita o conhecimento do passado, possibilita a investigação dos processos de mudança social e cultural, permite a obtenção de dados com menor custo, e favorece a obtenção de dados sem constrangimento dos sujeitos.

O material jornalístico subsidia fontes primárias e secundárias, caracterizando-se as fontes primárias como aquelas que são originais, e que caberá ao pesquisador fazer a análise destes dados, ou seja, são novas informações ou interpretações de ideias. Já as fontes secundárias aquelas que já foram trabalhadas por outros estudos e dão subsídio à discussão teórica feita a partir das fontes primárias. (BELLOTTO, 2006; SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para o desenvolvimento deste estudo utilizamos os jornais como fonte primária, pois foram a base para a análise e interpretações de ideias, propiciando o desenvolvimento de um novo conhecimento de domínio científico.

Para LAPUENTE, optar por trabalhar com material jornalístico configura-se como importante instrumento na formação de opinião pública, refletindo em mudanças de comportamento e de conceito, já que, devido ao seu poder de persuasão, as representações que constrói em suas publicações tendem a ser percebidas como verdades (LAPUENTE, 2016)

Assim, nossa opção de escolha do Jornal *O Estado de São Paulo* corrobora e se justifica, portanto, por este se apresentar como o jornal mais antigo ainda em atividade do país, se destacando como um dos principais jornais do país nas décadas estudadas. Para base de

processo de construção desta pesquisa se utilizou o jornal selecionado, levando em consideração a sua repercussão nacional.

Assim, utilizamos como fonte de dados todas as edições publicadas pelo jornal nos 30 anos compreendidos entre 1970 e 1999. Válido mencionar que este periódico tem circulação diária e que não deixou de ser publicado em nenhum momento do recorte estudado, o que totalizou 10.950 edições publicadas no recorte temporal estudado. O acervo deste jornal está disponível e os exemplares da época de interesse para este estudo encontram-se, inclusive, digitalizados e disponíveis gratuitamente.

3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de técnicas de *webscraping*, uma técnica proeminente para a coleta automatizada de dados *on-line*, também chamada de coleta de dados *web* ou raspagem *web*. Trata-se de uma forma de obtenção, de maneira automatizada, por meio de linguagens de programação de conteúdo da *web* (MARRES; WELTEVREDE, 2013; NASCIMENTO, 2017; AYDIN, 2018). As informações coletadas são, em seguida, convertidas em informação estruturada para posterior análise (POLONI e TOMAÉL, 2014). O tipo mais básico deste tipo de coleta é o *download* manual das páginas, copiando e colando o conteúdo, e isso pode ser feito por qualquer pessoa. Entretanto, a técnica de *webscraping* geralmente é feita através de um *software* ou linguagens de programação (MUNZERT et al., 2015; CHAPAGAIN, 2019) que simula uma navegação humana por diversos sites, extraindo informações específicas, utilizando uma combinação de *scripts*.

Através de um *script* em *Python* foram identificadas 10.950 edições publicadas pelo jornal *O Estado de São Paulo* entre 01 de janeiro de 1970 e 31 de dezembro de 1999.

Adotamos, como critério de inclusão para este estudo, a menção aos termos “enfermeiro” ou “enfermeira”, bem como ambas as palavras nos seus respectivos plurais, em qualquer momento do texto, nas notícias publicadas nos seguintes formatos: reportagens, colunas, manchetes, artigos e entrevistas. Deste modo, o *corpus* isto é, o conjunto de notícias para serem submetidas à análise, foi composto por 2.528 notícias selecionadas dentre as 10.950 edições do jornal analisadas por serem notícias que mencionaram a enfermeira(o) em algum momento do texto (Tabela 1)

Tabela 1 – Resultado da pesquisa no acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. Salvador/BA, 2020.

Jornal “O Estado de São Paulo”	
Palavras Chave	Enfermeira e/ou Enfermeiro
Período	01/01/1970 a /31/12/1999
Resultado da Etapa Inicial	2.528 reportagens

O tratamento e a análise das notícias foram realizados com auxílio de dois softwares: o *Sphinx* – uma ferramenta para análise de dados quantitativos e qualitativos (LE SPHINX DÉVELOPPEMENT, 1986); e o *Atlas.ti* – um programa de computador usado principalmente, mas não exclusivamente, em análises qualitativas de dados.

Conforme Guimarães (2015), o *Sphinx* é de utilização facilitada, intuitiva, com comunicação direta com o *Microsoft Office*, permitindo a formulação de relatórios com ou sem gráficos que propiciam uma melhor observação e avaliação dos resultados. O *Sphinx* tem seu funcionamento baseado em quatro etapas: (1) elaboração do questionário ou instrumento de pesquisa, (2) coleta das respostas, (3) preparação dos dados e, por fim, (4) análise consolidada dos dados e divulgação de relatórios.

O *Atlas.ti*, por sua vez, auxilia o pesquisador a organizar, registrar e possibilita o acompanhamento dos registros, pois o software permite analisar e gerenciar distintos tipos de documentos ou instrumentos de coleta de dados, tais como: respostas às questões abertas de questionários, relatórios de observação, cartas textos expressos na modalidade escrita, além de áudio (transcrição de entrevistas não-estruturada, músicas, reuniões, palestras e outros) imagens (fotos, desenhos, pinturas, e outros) e vídeos (gravações de reportagens televisivas, de aulas, de filmes, e outros).

Os principais elementos conectados ao software *Atlas Ti* inseridos num projeto, chamado unidade hermenêutica, são: os documentos primários (P-Docs), as citações (Quotes), os códigos (Codes) e as notas (Memos). Esses elementos originam as teias, ferramentas de análise que podem ser utilizadas para ilustrar as relações que foram analisadas pelo pesquisador.

Assim, o tratamento e análise dos dados foram divididos em duas etapas: um tratamento inicial no *Sphinx* e a análise qualitativa no *Atlas.ti*.

Na primeira etapa elaboramos um questionário no software *Sphinx* contendo as seguintes variáveis sobre as matérias encontradas: data de publicação, tipo de autor da notícia, seção em que foi publicada, formato e características de vinculação da imagem da enfermeira (figura principal, figura secundária ou apenas citação). Em seguida, as 2.528 notícias foram analisadas individualmente com base nas variáveis investigadas. O software *Sphinx* permitiu a tabulação dos dados caracterizados em cada notícia, gerando gráficos e tabelas com frequências absolutas e relativas, assim como o cruzamento entre as características de análise.

Seguindo as etapas propostas por Bardin (2016) para Análise de Conteúdo, na etapa da pré-análise, foi realizada a organização do material, a fim de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais. Realizamos leituras flutuantes de todo material, visando constituir *o corpus*, isto é, o conjunto de reportagens para serem submetidas à análise, conforme a regra de pertinência: reportagens adequadas enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo de caracterizar a imagem da enfermeira divulgada na mídia impressa.

As reportagens foram, então, adicionadas em formato PDF ao software *Atlas.ti* e identificadas pela letra “N”, seguida de numeração sequencial. Determinamos como índice para a análise a menção ao termo enfermeira/enfermeiro, conforme vinculação à notícia: “figura central”, quando a enfermeira foi o assunto principal da notícia publicada; “figura secundária”, quando citada no papel de coadjuvante na informação divulgada e atrelada à figura central; e “figura mencionada”, quando apenas citada na notícia, sem destaque ou enfoque sobre o tema principal.

A exploração do material consistiu em decompor as reportagens, transformandoos dados brutos, com o objetivo de alcançar o núcleo de compreensão do texto. Por tanto, realizamos leituras do *corpus* constituído, recortando os trechos que mencionavam o termo enfermeira/enfermeiro, conforme menção aos vínculos definidos na etapa anterior e identificando os núcleos de sentido para posterior categorização.

Essa segunda leitura permitiu a referenciação, com a construção de índices e indicadores. Os índices são os termos, palavras, expressões que se destacam na leitura, enquanto que a sua frequência se chama indicador. Dentro do *Atlas.ti*, no decorrer do texto é possível criar codes (códigos), que são termos destacados e marcados no ponto originaldo arquivo PDF.

O software *Atlas.ti* permite, ainda, o uso da função “contagem de palavras”, que é projetada para ser usada com análise de texto. Esta função permite que o software tabule todas as palavras contidas no documento em ordem alfabética e com a frequência de ocorrência dessas palavras, e as converta em uma planilha do Excel. Como o softwareAtlas TI usa esse protocolo para gerar código de análise, esse processo é necessário.

Ao criar um código e inserir palavras relacionadas ao código, o *Atlas.ti* irá codificar automaticamente, ou seja, todas as palavras pertencentes ao código serão automaticamente selecionadas no texto inserido no software. Portanto, o software irácodificar automaticamente e precisará executar etapas de filtragem, porque nem todo o conteúdo codificado por palavras isoladas pode ser analisado efetivamente no contexto.

Com a repetição dos códigos, o software levanta sua frequência de aparição ao longo

do texto. Dessa forma, no processo de referenciação foram criados índices, sendo esses que traziam informações pertinentes para a análise de conteúdo. Esses índices foram marcados nos textos dentro do *Atlas.ti* por meio dos códigos.

Após a referenciação, todos os códigos foram organizados em grupos denominados Family (família), configurando as categorias de análise, sendo essas: Submissão à categoria médica; Representações dicotômicas: de anjos a demônios; A desvalorização do trabalho da enfermeira; A enfermeira profissional; A enfermeira consciente do seu papel político.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

As normas propostas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) definidas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, de Conselho Nacional de Saúde, orientam que pesquisa documental e que emprega documentos públicos de acesso gratuito à população, estão dispensadas de submissão ao CEP.

No entanto, cabe destacar que este estudo está inserido no contexto de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Militância política de enfermeiras”, aprovado conforme o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, sob protocolo CAEE n. 28775614.2.0000.5531, datado de 27 de maio de 2014. O referido processo de pesquisa obedeceu aos preceitos éticos preconizados em resolução sobre ética em pesquisa.

Todavia, o presente estudo, ancora-se também na legislação vigente no país, imagens e reportagens jornalísticas escritas são consideradas obras intelectuais protegidas por lei específica, conforme Art. 7 da Lei 9610/98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais. Dessa forma, foram garantidos todos os direitos autorais dos materiais utilizados nesta pesquisa, bem como a real descrição dos conteúdos analisados.

4 RESULTADOS

Os resultados deste estudo foram apresentados na forma de dois manuscritos, que buscaram responder aos objetivos da pesquisa.

O primeiro manuscrito intitulado **Panorama da imagem social da enfermeira divulgada na mídia impressa brasileira**, identificou as notícias divulgadas sobre enfermeiras no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999.

O segundo manuscrito intitulado **A imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo: de 1970 a 1999***, caracterizou a imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* entre os anos de 1970 e 1999.

4.1 ARTIGO 1 – PANORAMA DA IMAGEM SOCIAL DA ENFERMEIRA DIVULGADA NA MÍDIA IMPRESSA PANORAMA DA IMAGEM SOCIAL DA ENFERMEIRA DIVULGADA NA MÍDIA IMPRESSA

RESUMO

Objetivo: Apresentar um Panorama da Imagem Social da Enfermeira divulgada na Mídia Impressa brasileira no período de 1970 a 1999.

Método: Estudo exploratório, documental, quantitativo que utilizou como fonte de dados as edições publicadas pelo Jornal Estado de São Paulo nos 30 anos compreendidos entre 1970 e 1999, que mencionaram o termo “enfermeira” ou “enfermeiro”, identificadas por meio de *webscraping*. O tratamento e a análise das notícias foram realizados com auxílio do software *Sphinx*.

Resultados: Foram identificadas 10.950 edições do jornal e 2.528 notícias que mencionavam os termos “enfermeiro” ou “enfermeira”. Identificamos uma média de sete notícias por mês a respeito da enfermeira. Entretanto, em 90,3%, a enfermeira foi apenas mencionada no texto, sem nenhum destaque ou relação com a notícia principal. Além disso, a maior parte das matérias foi veiculada na seção classificados, no formato de artigo ou coluna, que, por característica constitutiva, traz a opinião do autor sobre determinado tema.

Conclusão: Podemos inferir, com base nos dados analisados, que apesar do significativo quantitativo de notícias publicadas a respeito do tema durante o período analisado, isso pouco contribuiu para a construção da imagem da enfermeira enquanto profissional de saúde na sociedade brasileira porque a maior parte das notícias apenas mencionou a enfermeira no texto ou utilizou o termo para caracterizar um objeto ou situação.

Descritores: *Enfermeiras e Enfermeiros; Meios de comunicação de Massa; Notícias; Papel do profissional de enfermagem; Valorização Social.*

Introdução

A imagem positiva de qualquer profissão na sociedade pode resultar em poder, **reconhecimento e status. Tudo o que se imagina sobre determinada categoria profissional** é tão relevante quanto aquilo que ela realmente é, pois a repercussão de uma imagem criada pode favorecer ou dificultar o desenvolvimento de uma profissão, a sua valorização e o seu reconhecimento social ⁽¹⁾.

Nesse sentido, a mídia, na condição de instrumento de veiculação de mensagens e informações na sociedade, assume um papel estratégico como (re)produtora de discursos que contribuem para formação de determinadas imagens de sujeitos, instituições e profissões. Contudo, deve-se considerar que este canal de transmissão sempre apresenta os fatos sob determinada perspectiva, a qual pode estar velada ou explícita nas notícias veiculadas, sendo esta imparcialidade inerente à atividade jornalística.

Necessário ainda reconhecer a presença de vieses na divulgação e/ou exposição de realidades pelos meios de comunicação⁽²⁾. O discurso midiático, portanto, ao relatar acontecimentos, produzir sentidos e buscar influenciar seus leitores, evidencia o poder simbólico de alguns agentes e grupos sociais⁽³⁾.

No que se refere à área da saúde, é comum que a mídia privilegie os interesses da população pelo meio jornalístico e a exposição midiática, frente a legitimidade dos fatos e eventos ocorridos, seja tendenciosa com fins de agradar os espectadores⁽⁴⁾.

Nesse contexto, reconhecemos a influência da mídia na construção da imagem da Enfermagem ao longo de sua existência, enquanto campo profissional, no Brasil. Assumimos também que as constantes mudanças em atividades e perfil de profissionais da Enfermagem ao longo da história contribuíram para a concepção do que este campo profissional verdadeiramente é e do seu significado social.

Entretanto, a forma como a prática da Enfermagem e suas mudanças foram veiculadas na sociedade por meio da mídia é sensivelmente importante para a construção da imagem desta profissão, tanto que o peso desta divulgação ainda ecoa na imagem que grande parte da sociedade tem a respeito das três categorias que compõem o campo da enfermagem brasileira: Enfermeira, Técnico de Enfermagem e Auxiliar de Enfermagem⁽⁵⁾. É comum, por exemplo, que as três profissões sejam mencionadas em reportagens sem qualquer diferenciação entre seus saberes e atuações, em um sinal de que, para a mídia em geral, a enfermagem é uma massa homogênea traduzida exclusivamente na figura da enfermeira.

Neste contexto, esta profissional tem sido citada como uma das mais impactadas pela divulgação na mídia, uma vez que está presente em quase todos os serviços de saúde, geralmente, assume o papel de gerente intermediária, ou seja, gerencia não apenas o cuidado em enfermagem, mas também o cuidado em saúde. Assim, ela acaba se expondo mais às diversas situações, inclusive àquelas com desfechos negativos, os quais, embora

nem sempre dependam da sua atuação, são a ela diretamente atribuídos pelos meios de comunicação⁽⁵⁻⁶⁾.

A elevada frequência com que isso ocorre dificulta que as pessoas não inseridas nesse cotidiano identifiquem e compreendam adequadamente as diversas responsabilidades por esses acontecimentos, deixando a impressão, da forma como são narrados pela mídia, que resultam de um ato exclusivo de uma única profissão e não de uma confluência de ações e responsabilidades.

Consideramos importante destacar também que a mídia, ao mesmo tempo em que divulga os eventos negativos, também evidencia as lutas e os movimentos empreendidos pela enfermagem em busca de mudanças nas políticas de formação e de saúde, bem como nas condições e relações de trabalho⁽⁵⁻⁶⁾.

Entendemos que a imagem profissional da enfermeira é continuamente construída e influenciada pelo momento histórico vivido. Sob uma análise retrospectiva, são notórias as diferentes imagens atribuídas pela imprensa a esta profissional ao longo dos anos, sobretudo no que se refere aos movimentos sociais e de lutas da categoria. Paralelamente, também identificamos o quanto esta divulgação reverbera na imagem socialmente construída e propagada a respeito desta profissão, sob diversos outros aspectos⁽⁷⁻⁹⁾.

Diante do exposto, e cientes de que a mídia impressa desempenha papel crucial no reconhecimento, poder e status da Enfermagem, buscamos neste estudo apresentar um Panorama da Imagem Social da Enfermeira divulgada na Mídia Impressa brasileira no período de 1970 a 1999.

Por se tratar de um meio de comunicação que estimula discussões e debates em diversos espaços públicos e privados, informando e suscitando reflexões em inúmeros leitores, acreditamos ser relevante, para melhor entendimento da construção social da imagem da enfermeira, conhecer o histórico de reportagens publicadas neste importante periódico nacional. Destacamos ainda que, no período delimitado para este estudo, o referido jornal exercia grande influência na sociedade brasileira.

Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória, do tipo documental, de abordagem quantitativa. O intuito foi evidenciar um panorama das notícias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* a respeito da atuação de enfermeiras no período de 1970 a 1999. A pesquisa documental utiliza de métodos para a análise e compreensão de documentos

variados e assim permite a obtenção de uma riqueza de informações ao estudo ao aproximar o objeto de estudo de suas fontes e contextos histórico e sociocultural ⁽¹⁰⁾. A fonte de coleta de dados ocorre por meio de documentos escritos ou não sendo esses sua fonte primária ⁽¹¹⁾.

Escolhemos este periódico por apresentar, nas décadas investigadas, grande repercussão nacional, além de amplo alcance, confiabilidade e influência sobre a opinião de seus leitores. É também o mais antigo periódico ainda em atividade no país, tendo com data de fundação de 4 de janeiro de 1875.

Utilizamos como fonte de dados todas as edições publicadas pelo jornal nos 30 anos compreendidos entre 1970 e 1999. Válido mencionar que este periódico tem circulação diária e que não deixou de ser publicado em nenhum momento do recorte estudado, o que totalizou 10.950 edições publicadas no recorte temporal estudado. O acervo deste jornal está disponível e os exemplares da época de interesse para este estudo encontram-se, inclusive, digitalizados e disponíveis gratuitamente.

Assim, por meio de técnicas de *webscraping*, procedimento em evidência para coleta automatizada de dados on-line, também chamada Coleta de Dados *Web*, foram identificadas 11.000 notícias publicadas entre 01 de janeiro de 1970 e 31 de dezembro de 1999⁽¹²⁾.

Adotamos, como critério de inclusão para este estudo, a menção aos termos “enfermeiro” ou “enfermeira”, bem como ambas as palavras nos seus respectivos plurais, em qualquer momento do texto, nas notícias publicadas nos seguintes formatos: reportagens, colunas, manchetes, artigos e entrevistas. Assim, a população do estudo foi composta pelas 2.528 notícias selecionadas dentre as 10.950 edições do jornal analisadas por serem notícias que mencionaram a enfermeira(o) em algum momento.

O tratamento e a análise das notícias foram realizados com auxílio do software *Sphinx* – uma ferramenta para análise de dados quantitativos e qualitativos. O *Sphinx* tem seu funcionamento baseado em quatro etapas: (1) elaboração do questionário ou instrumento de pesquisa, (2) coleta das respostas, (3) preparação dos dados e, por fim, (4) análise consolidada dos dados e divulgação de relatórios.

O primeiro passo foi inserir no software um questionário contendo as seguintes informações sobre as notícias: data de publicação, tipo de autor da notícia, seção em que foi publicada, formato e características de vinculação da imagem da enfermeira (figura

principal, figura secundária ou apenas citação). Em seguida, as 2.528 notícias foram analisadas individualmente com base nas variáveis investigadas.

O software *Sphinx* permitiu a tabulação dos dados caracterizados em cada matéria, gerando gráficos e tabelas com frequências absolutas e relativas, assim como o cruzamento entre as características de análise.

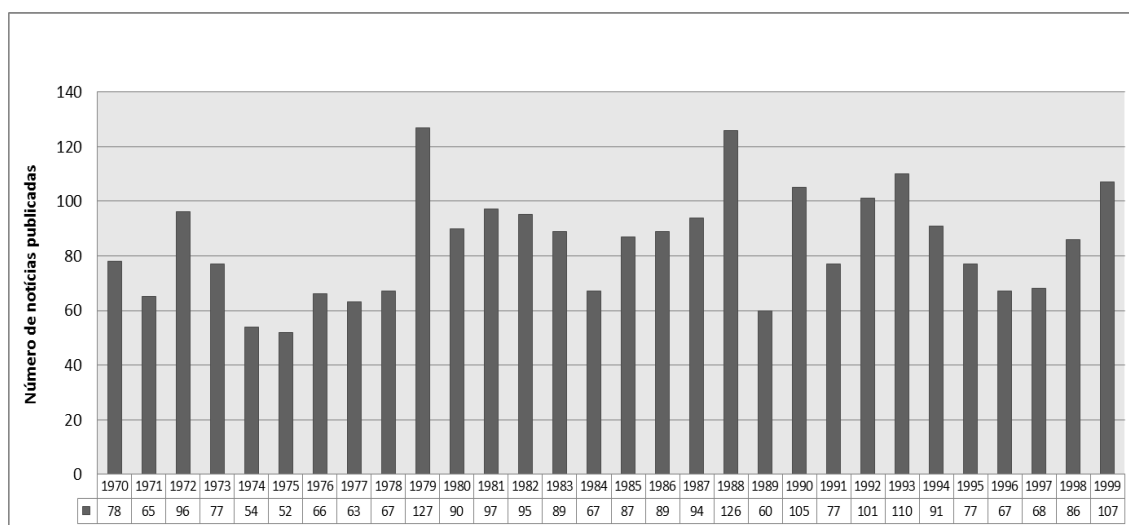
As normas propostas pelo Comitê de Ética em Pesquisa definido na resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, de Conselho Nacional de Saúde, pesquisa documental e que emprega documentos públicos de acesso gratuito à população, faz-se dispensável a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Assim, refuta-se frente a resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, no qual não serão registrados e avaliados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pesquisas que usam informação pública em termos da lei nº 12.527/2011 e pesquisas que informações uso do domínio público.

De acordo com a legislação vigente no país, imagens e reportagens jornalísticas escritas são consideradas obras intelectuais protegidas por lei específica, conforme Art. 7 da Lei 9610/98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais. Dessa forma, foram garantidos todos os direitos autorais dos materiais utilizados nesta pesquisa, bem como a real descrição dos conteúdos analisados.

Resultados

As 2.528 notícias analisadas foram publicadas ao longo de 30 anos, conforme distribuição apresentada na Figura 1. A média de notícias publicadas nos 360 meses analisados foi de sete notícias/mês, com destaque para os anos de 1979 e 1975, que apresentaram, respectivamente, o maior (127 total e 10,58/mês) e o menor (52 total e 4,33/mês) número de notícias publicadas a esse respeito.

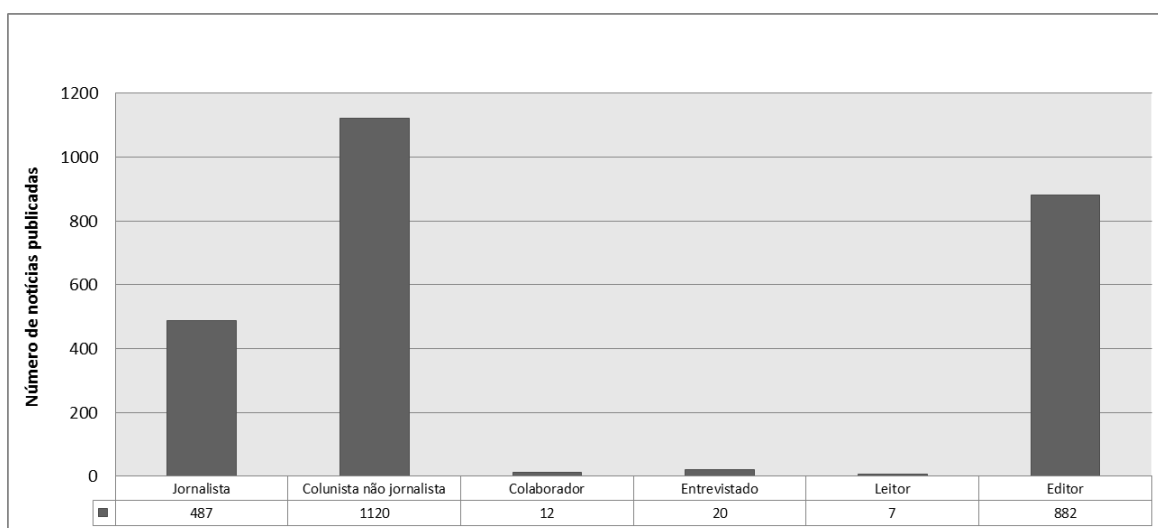
Figura 1 – Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999.



Fonte: Dados do estudo

As notícias em um jornal podem ser escritas por diferentes sujeitos – desde jornalistas até leitores, os quais podem enviar suas observações e sugestões ao editor. Assim, classificamos as notícias conforme o tipo de autor (Figura 2).

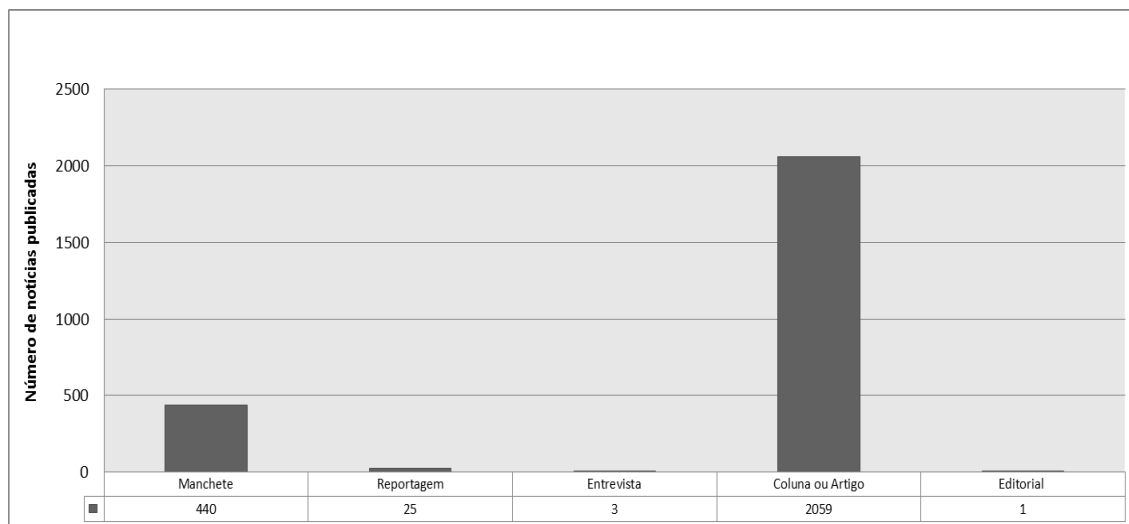
Figura 2 – Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999 conforme tipo de autor.



Fonte: Dados do estudo

Alertamos para a variedade de autores e, paralelamente, para a diversidade de formatos em que essas notícias foram publicadas, entendendo que o formato da notícia interfere na ênfase e no conteúdo apresentado (Figura 3).

Figura 3 – Notícias publicadas sobre enfermeiras no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999 conforme o formato.



Fonte: Dados do estudo

A manchete se caracteriza por ser um título no jornal, grafado com letras grandes, geralmente formado por uma frase de efeito concisa e destacada na primeira página (13). O artigo ou coluna é um texto eminentemente opinativo que traz no seu bojo a visão do autor sobre determinado assunto (14). A entrevista consiste na coleta de declarações tomadas pelo jornalista para divulgação no jornal e, portanto, traz a opinião ou as ideias do entrevistado (15). A reportagem é um conteúdo jornalístico baseado no testemunho direto dos fatos e situações explicadas em palavras e, sob uma perspectiva mais atual, por histórias vividas por pessoas, relacionadas ao seu contexto (14).

Por fim, as notícias foram classificadas conforme a menção ao termo enfermeira/enfermeiro. Consideramos três variáveis: **figura central**, quando a enfermeira foi o assunto principal da notícia publicada; **figura secundária**, quando citada no papel de coadjuvante na informação divulgada e atrelada à figura central; e **figura mencionada**, quando apenas citada na notícia, sem destaque ou enfoque sobre o tema principal (Figura 4).

Em 2276 notícias, a enfermeira foi apenas mencionada; apareceu como figura central em 188 notícias e em 64 a enfermeira era figura secundária. Ao relacionar as três décadas estudadas com o quantitativo de notícias nas quais a enfermeira aparece como

figura central, identificamos 20 (10,6%) na década de 1970; 36 (19,14%) na década de 1980; 132 (70,21%) notícias na década de 1990.

Discussão

Os resultados deste estudo apontam para a pouca visibilidade da enfermeira enquanto profissão no Jornal O Estado de São Paulo no período analisado.

Identificamos que a figura da enfermeira esteve presente em um número considerável de edições do jornal *O Estado de São Paulo*. Ao longo do período investigado, identificamos média de sete notícias por mês a respeito desta profissional.

Entretanto, em quase todas (90,3%), a enfermeira foi apenas mencionada no texto, sem nenhum destaque ou relação com a notícia principal. Além disso, a maior parte das matérias foi veiculada na seção classificados, no formato de artigo ou coluna, que, por característica constitutiva, traz a opinião do autor sobre determinado tema.

Reconhecemos que a contribuição da mídia impressa para a construção de conhecimentos/imagens na sociedade está relacionada à garantia de princípios como jornalismo de objetividade, imparcialidade e veracidade dos fatos. No entanto, os enquadramentos adotados na publicação permitem saber sob quais perspectivas os assuntos são apresentados e, também, de que forma será construída a imagem pública daqueles envolvidos nas narrativas. O enquadramento pode jogar luz em aspectos específicos de um evento ou assunto^(2,5).

Com base nos resultados obtidos e analisados, podemos afirmar que as notícias veiculadas no jornal *O Estado de São Paulo* no período investigado pouco contribuem para a construção da imagem da enfermeira como profissional da saúde. São notícias que, em sua maioria, utilizam o termo enfermeira como adjetivo para caracterizar algum objeto ou situação que tem pouca ou nenhuma relação com o exercício profissional.

Além disso, não é incomum que as notícias referentes a enfermeiras estejam ligadas a erros na prestação da assistência ou a estereótipos criados em torno da imagem dessa profissional.

Estudo realizado com enfermeiros israelenses⁽¹⁶⁾ identificou tendência de que os meios de comunicação e mídias reforcem aspectos negativos da profissão como fator que contribui para o estereótipo deturpado da enfermeira na sociedade, com impactos também na desvalorização da profissão⁽¹⁷⁻¹⁸⁾.

A representação estereotipada da enfermeira estende-se a seu corpo, forma e cor, por trazê-la como uma mulher, branca e bonita. Essa construção originou-se de um padrão de gênero-racial que reforça a formação da identidade profissional da enfermeira de forma excludente e discriminatória, uma vez que mulheres negras eram consideradas incompatíveis com o perfil profissional almejado e, portanto, deveriam ocupar postos de menor prestígio social, geralmente cargos de nível técnico⁽¹⁹⁻²¹⁾.

A imagem da enfermeira veiculada na mídia impressa e a influência desta divulgação na construção da imagem social desta profissional podem ser analisadas, ainda, de diferentes formas ao longo das décadas, uma vez que marcos históricos contribuem para essas ocasionalidades^(2,5).

Este fato fica evidente quando analisamos o quantitativo de notícias que trouxeram a enfermeira como figura central. Na década de 1990, a que registrou o maior quantitativo (70%) de notícias mencionando a enfermeira como figura central, alguns marcos históricos importantes para a profissão merecem ser destacados, um deles a criação do Sistema Único de Saúde, regulamentado em 1990 pela Lei nº 8.080.

O processo de implementação do SUS provocou uma mudança nos modelos assistenciais de modo a atender seus princípios estruturantes – universalidade, integralidade e equidade, o que, por sua vez, demandou uma mudança no perfil dos trabalhadores em saúde. Como integrantes da equipe multidisciplinar em saúde, as enfermeiras precisaram redirecionar suas práticas profissionais e foi necessário reformular os currículos vigentes, convocando à discussão entidades de classe, escolas e organizações de saúde, em busca de uma célere mudança na formação das enfermeiras.

Nesse sentido, a década de 1990 foi um marco para a categoria profissional no que diz respeito a ganhos legais para o exercício profissional. Na época, algumas conquistas incluíram a criação de entidades representativas da profissão e maior engajamento político para trilhar novos caminhos capazes de promover valorização e reconhecimento profissional^(7,9).

Entretanto, desde meados da década de 1980, já se observava esse movimento político da enfermagem brasileira mediante a aprovação da Lei nº 7.498/86. Esta Lei regulamentou o exercício profissional de enfermagem e estabeleceu como atividades não privativas a estas profissionais na coordenação de enfermagem, participação no ensino nas escolas de enfermagem, direção de escolas de enfermagem e participação nas bancas examinadoras de práticos de enfermagem, além do próprio exercício da enfermagem⁽²²⁻²³⁾.

Deste modo, os resultados do estudo evidenciam como diferentes momentos políticos do Brasil desvelou enfoques distintos da imagem da enfermeira nas mídias impressas assim como uma publicação cada vez mais frequente ao longo do recorte temporal dos 30 anos reiterando a influencia das mídias impressas enquanto meio de comunicação que reforça o contexto político, social e histórico contribuindo para solidez da imagem da enfermeira de acordo com o exposto no momento presente.

Como limitação do estudo assinalamos a utilização apenas de texto escrito, uma vez que o material iconográfico das notícias não foi objeto de análise. Como as imagens publicadas pelo jornal intencionam ilustrar e/ou reforçar a ideia transmitida pela notícia, incorporar esta análise poderia ter proporcionado achados complementares. Assim como, a utilização de um único jornal como fonte documental, com descritores específicos para retratar o objeto de estudo.

Conclusão

O estudo apresentou um Panorama da Imagem Social da Enfermeira divulgada na Mídia Impressa no período de 1970 a 1999.

Podemos inferir, com base nos dados analisados, que apesar do significativo quantitativo de notícias publicadas a respeito do tema durante o período analisado, contribuiu para a construção da imagem da enfermeira enquanto profissional de saúde na sociedade brasileira porque a maior parte das notícias apenas mencionou a enfermeira no texto ou utilizou o termo para caracterizar um objeto ou situação.

A década de 1990 apresentou o maior número de notícias em que a enfermeira foi mencionada como figura central. Tal resultado pode estar relacionado com o momento histórico, que contemplou a implementação do SUS, a regulamentação da profissão e o fortalecimento dos movimentos de luta da categoria.

Consideramos que o presente estudo amplia o conhecimento sobre a veiculação da imagem da enfermeira na mídia impressa ao correlacionar informações divulgadas com momentos históricos de lutas e avanços na profissão. Sugerimos a realização de outros estudos a respeito dos impactos e formas de uso das mídias impressas, uma vez que esses meios de comunicação atuam fortemente na construção e desconstrução da identidade profissional da enfermeira.

Referências

1. Santos VLCG, Ferraz AF, Diogo, AJD, Souza, RMC. A imagem de enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. *Rev Bras Enferm.* 1988;41(3/4):241-51. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671988000400010>
2. Cavaca AG, Vasconcellos-Silva PR, Ferreira P, Nunes JA. Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. *Ciênc. Saúde Coletiva.* 2015; 20(11):3569-80. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.18342014>
3. Kneodler TS, Paes GO, Porto FR, Nassar PRB, Oliveira AB. Nursing throughout war times: political propaganda and professional valorization (1942-1945). *Rev Bras Enferm.* 2017;70(2):407-14. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0440>
4. Martinez M, Pessoni A, Silva M, Ribeiro V. Assessoria de imprensa, narrativas midiáticas e saúde: simbiose de fontes, jornalistas, leitores, personagens e afetos. *Intexto.* 2017; 0(38): 197-224. Doi:<https://doi.org/10.19132/1807-8583201738.197-224>
5. Silva AR, Padilha MI, Backes VMS, Carvalho JB. Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. *Esc. Anna Nery.* 2018; 22(4): e20180182. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0182>.
6. Volpe CRG, Aguiar LB, Pinho DLM, Stival MM, Funghetto SS, Lima LR. Erros de medicação divulgados na mídia: estratégias de gestão do risco. *RAHIS.* 2016;13(2):97-110. DOI: <http://dx.doi.org/10.21450/rahis.v13i2.3499>
7. Sousa RC. Associativismo feminino e participação política: um estudo sobre as bases sociais de apoio à Ditadura Militar em Curitiba (1964-1985). *Estud. 47ist..* 2018;31(65):389-412. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-14942018000300005>.
8. Nageshwar V. Public Perception of nursing as a profession. *Int J Biol Sci.* 2018; 5(5):15-19. DOI: doi.org/10.31033/ijrasb.5.5.3
9. Laitano ADC, Silva GTR, Almeida DB, Santos VPFA, Brandão MF, Carvalho AG et al . Precarização do trabalho da enfermeira: militância profissional sob a ótica da imprensa. *Acta paul. Enferm.* 2019; 32(3): 305-311. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900042>.

10. Figueiredo AM, Souza SRG. Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final. – 3ª ed. – Rio de Janeiro
11. Sá-SilvaJR, Almeida CD, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. 2009; 1(1): 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>
12. Marres N, Weltevrede E. Scrapin the social ?. *Journal of Cultural Economy*. 2013; 6(3):313-335. DOI: 10.1080 / 17530350.2013.772070
13. Amaral M. Oh, meu Deus! Manchetes e singularidades na matriz jornalística melodramática. *Revista ECO-Pós*. 2009; 10(2). Doi:<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v10i2.1021>
14. Melo JM, Assis F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.* 2016; 39(1): 39-56. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201613>.
15. Lopes, Paula. “Gêneros literários e gêneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos.” *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/54050682.pdf>
16. Haron Y, Reicher S, Riba S. Factors influencing nursing career choices and choice of study program. *Health Marketing Quarterly*. 2014;31(2):167-77. DOI: <https://doi.org/10.1080/07359683.2014.907126>
17. Colpo JC, Camargo VC, Mattos SA. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. *Cogitare Enferm*. 2006; 11(1):67-72. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v11i1.5975>.
18. Andrade JB, Cavalcante MB, Apostolico MR. Marketing Pessoal e Enfermagem: Projeção para visibilidade social do Enfermeiro. *Enfermagem em Foco*. 2017; 8(1): 82-86,. DOI: [doi:https://doi.org/10.21675/2357-707X.2017.v8.n1.946](https://doi.org/10.21675/2357-707X.2017.v8.n1.946).
19. Oliveira EB, Carvalho RAC, Teixeira E, Zeitoune RCG, Sabóia VM, Gallasch CH. Factors Involved In The Training Of Resident Nurses: View Of Alumni From A Residency Program. *REME Rev Min Enferm*. 2017; 21:e-1064. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20170074>
20. Lombardi MR, Campos VP. A Enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. *Revista da ABET*. 2018;17(1):28-46. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41162>

21. Pizzinato A, Hamann C, Tedesco PC, Jalmusny YM. Aspectos étnico-raciais e de gênero na inserção universitária de jovens africanas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. 2017; 22(70):732-51. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017227037>
22. Brasil. Lei nº 2.604, de 17 de setembro de 1955. Regula o Exercício da Enfermagem Profissional. *Diário Oficial República Federativa do Brasil*; 1955 [citado 2020 jul. 25]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2604-17-setembro-1955-361190-publicacaooriginal-1-pl.html>
23. Silva AR, Padilha MI, Bellaguarda MLR, Teodosio SSCS. O processo de (re/des)construção da identidade profissional de enfermagem na mídia jornalística brasileira: 1980-1986. *Texto Contexto Enferm*. 2019; 28:e20170590. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0590>

4.2 ARTIGO 2 – IMAGEM DA ENFERMEIRA DIVULGADA NO JORNAL *O ESTADO DE SÃO PAULO*: DE 1970 A 1999

Imagem da Enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo*: de 1970 a 1999

RESUMO

Objetivo: Caracterizar a imagem da Enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* de 1970 a 1999.

Método: Estudo exploratório, documental e qualitativo, que utilizou como fonte de dados as edições publicadas pelo jornal *O Estado de São Paulo* ao longo de 30 anos, entre 1970 e 1999, que mencionaram o termo “enfermeira” ou “enfermeiro”. As notícias foram selecionadas por meio da técnica de *webscraping* e submetidas à Análise de Conteúdo, com auxílio do software *Atlas.ti*, para tratamento e análise dos dados.

Resultados: Identificamos um total de 2.528 notícias que mencionavam algum dos referidos termos. Na maioria das notícias, a enfermeira foi apenas citada no texto, sem qualquer destaque ou relação com a notícia principal, revelando a dimensão funcional da imagem da enfermeira. Nas notícias em que foi a figura secundária ou principal, identificamos características que remetem à dimensão cognitiva da imagem que foram agrupadas nas categorias de análise: Submissão à categoria médica; Representações dicotômicas: de anjos a demônios; A desvalorização do trabalho da enfermeira; A enfermeira profissional; A enfermeira consciente do seu papel político.

Conclusão: As características das enfermeiras apresentadas nas notícias analisadas remetem às dimensões funcional e cognitiva da imagem que vem sendo construída desta profissional no Brasil ao longo dos anos. De modo geral, notamos uma imagem ainda romantizada e distante da realidade do mundo do trabalho vivenciado pelas enfermeiras, reforçando antigos estereótipos ligados ao feminino e ao trabalho doméstico.

Descritores: *Enfermeiras e Enfermeiros; Meios de comunicação de Massa; Notícias; Papel do profissional de enfermagem; Valorização Social.*

Introdução

A imagem é a representação de algo ou de uma pessoa através de pintura, imitação, cópia, desenho ou escultura. Compreende um conjunto de significados por meio dos quais vemos, descrevemos ou avaliamos um objeto, pessoa, instituição ou organização, além de

demonstrar o prestígio que um indivíduo usufrui na sociedade, em dado segmento social ou corporação profissional.^{1,2}

Portanto, a construção de uma imagem envolve domínios subjetivos e de percepção, concepções, significados e atitudes, que retratam a opinião do público sobre o objeto. Desse modo, a imagem retratada pode ou não refletir a realidade.

A imagem que se constrói de determinada profissão também sofre influência de arcaísmos subjetivos que permeiam o imaginário da sociedade de acordo com o momento histórico, político e social vivenciado. Aquilo que a sociedade pensa a respeito de uma profissão é tão importante quanto aquilo que ela realmente é, pois a projeção da imagem pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento da profissão, seu reconhecimento e valorização social.^{2,3}

A imagem profissional é um conjunto de percepções que a sociedade possui a respeito da competência, do caráter e da compostura dos indivíduos que a exercem. Trata-se de uma representação social construída com base em conceitos que modelam a identidade da profissão.⁴

Nesse sentido, a construção da imagem da Enfermeira no Brasil é resultado de uma rede de representações sociais da profissão, expressa por um conjunto de conceitos, afirmações e explicações. Tal imagem reproduz e é reproduzida por ideologias originadas no contexto das práticas sociais internas e externas a ela.⁴

Entendemos, também, que as constantes mudanças em atividades e perfil das enfermeiras ao longo da história vêm contribuindo para a concepção do que esta profissão verdadeiramente é e do seu significado social.

Nesse contexto, devemos reconhecer o papel estratégico da mídia impressa, na condição de instrumento relevante para veiculação de mensagens e informações na sociedade, como (re)produtora de discursos que contribuem para formação de determinadas imagens sobre a enfermeira brasileira. A mídia impressa representa fonte de conhecimento para grande parte da população e tem relevância nacional, por compor o cenário de veículos de informações e ser peça constitutiva da formação de opinião pública, sobretudo no século XX e primeira década do século XXI.^{5,6}

Portanto, a imagem da enfermeira divulgada na mídia impressa contribui significativamente para construção e manutenção da imagem dessa profissão perante os grupos sociais. Além disso, a forma como é veiculada impacta no desenvolvimento, reconhecimento e valorização social da Enfermeira.

Diante do exposto, e reconhecendo o papel crucial da mídia impressa no reconhecimento, poder e status da Enfermeira, caracterizaremos neste estudo a imagem da Enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999.

No recorte analisado, o referido jornal exercia grande influência na sociedade brasileira, ao estimular discussões e debates em diversos espaços públicos e privados, informando e suscitando reflexões em inúmeros leitores. Por esta razão, consideramos relevante caracterizar a imagem da enfermeira veiculada por este importante periódico para compreendermos a impressões que a sociedade brasileira carrega sobre esta profissional.

Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória, do tipo documental, de abordagem qualitativa. O objetivo foi caracterizar a imagem da enfermeira divulgada nas notícias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* no período de 1970 a 1999.

A pesquisa documental utiliza como fonte primária documentos escritos ou não e se vale de diferentes métodos para análise e compreensão das fontes pesquisadas. O objetivo é buscar o máximo de riqueza de informações relevantes ao estudo.^{7,8}

O jornal *O Estado de São Paulo* foi escolhido por ser o mais antigo periódico ainda em atividade no país. Fundado em 4 de janeiro de 1875, apresentou, nas décadas investigadas, grande repercussão nacional e influência sobre a opinião de seus leitores.

Ao longo dos 30 anos analisados, o jornal não deixou de ser publicado em nenhum momento. Por meio de técnicas de *webscraping*, procedimento em evidência para coleta automatizada de dados on-line, foram identificadas 11.000 notícias publicadas entre 01 de janeiro de 1970 e 31 de dezembro de 1999.⁹

Adotamos como critério de inclusão para este estudo a menção aos termos “enfermeiro” ou “enfermeira”, bem como ambas as palavras nos seus respectivos plurais, em qualquer momento do texto. Foram analisadas notícias publicadas nos seguintes formatos: reportagens, colunas, manchetes, artigos e entrevistas. Assim, a população do estudo foi composta por 2.528 notícias selecionadas de um total de 10.950 edições analisadas.

O tratamento e a análise das notícias foram realizados com auxílio do software *Atlas.ti*. Tal programa de computador é usado principalmente, mas não exclusivamente, em análises qualitativas de dados.

O *Atlas.ti* auxilia o pesquisador a organizar, registrar e acompanhar os registros. Permite analisar e gerenciar distintos tipos de documentos ou instrumentos de coleta de dados, tais como: respostas às questões abertas de questionários, relatórios de observação, cartas-textos expressos na modalidade escrita, além de áudios, imagens e vídeos.^{9,10}

Seguindo as etapas propostas para Análise de Conteúdo, realizamos leituras flutuantes de todo material, visando constituir o *corpus*, isto é, o conjunto de reportagens a serem submetidas à análise. As reportagens foram, então, adicionadas em formato PDF ao software *Atlas.ti* e identificadas pela letra “N”, seguida de numeração sequencial.¹¹

A exploração do material consistiu em decompor as notícias, transformando os dados brutos, a fim de alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para tanto, realizamos leituras do *corpus* constituído, recortando os trechos que mencionavam o termo enfermeira/enfermeiro, conforme menção aos vínculos definidos na etapa anterior, e identificando os núcleos de sentido para posterior categorização.

Essa segunda leitura permitiu a referenciação, com a construção de índices (termos, palavras e expressões que se destacam na leitura) e indicadores (frequência dos índices). Em seguida, utilizamos a função “contagem de palavras” do software para criar os códigos de análise.

Após a referenciação, todos os códigos foram organizados em grupos denominados Family (família), configurando as categorias de análise.

Uma vez que a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde determina que pesquisas documentais que utilizem somente documentos públicos de acesso gratuito à população estão dispensadas de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), não foi necessária esta aprovação. No entanto, foram garantidos neste estudo todos os direitos autorais dos materiais utilizados nesta pesquisa, bem como a real descrição dos conteúdos analisados, conforme determina o Art. 7 da Lei 9610/98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais. Imagens e reportagens jornalísticas escritas são consideradas obras intelectuais protegidas.

Resultados

A análise das notícias publicadas permitiu caracterizar a imagem da enfermeira divulgada no jornal *O Estado de São Paulo* ao longo de 30 anos com base em duas, das quatro dimensões que compõem uma imagem: dimensão funcional e dimensão cognitiva.

A dimensão funcional é constituída por elementos tangíveis que refletem atributos físicos e de aparência do objeto que dependem de sua atuação e funcionalidade. Como dimensão racional, nela está contida a percepção do objeto de modo externo.¹²

Nessa dimensão, encontra-se a maior parte das notícias que mencionaram a enfermeira, visto que, de modo geral, ela foi apenas citada na notícia, sem qualquer destaque ou enfoque sobre o tema principal. São notícias que versavam sobre assuntos diversos como moda, cinema, folhetins de época ou anúncios de emprego/serviços.

Nessas notícias, a enfermeira foi retratada sempre no feminino, com o objetivo de caracterizar um objeto, um personagem ou somente para contextualizar a reportagem.

[...] marcando a nova linha da moda para 1970. Os sapatos de enfermeira, as grandes boinas e ‘as “echarpes” curtas, presas ao colo, completam o novo estilo [...] (N1)

Julia Roberts é a bela enfermeira que vai cuidar de um rapaz rico que está morrendo de câncer. (N1510)

Enfermeira massagista. Tratamento de saúde e estética com massagem manual e elétrica (N93).

Nas reportagens em que a enfermeira apareceu como figura central ou figura secundária, foi possível agrupar algumas categorias de análise que apontam diferentes imagens das enfermeiras divulgadas na mídia impressa estudada.

Essas categorias dizem respeito à dimensão cognitiva da imagem, que é constituída por construções e concepções sobre o objeto e compreende as crenças e estereótipos sobre este objeto. Trata-se de uma construção mental que pode estar distante da realidade, uma vez que é subjetiva e influenciada pelo meio. Nessa dimensão, posiciona-se o conjunto de ideias, percepções, impressões, sentimentos, julgamentos e atitudes sobre o objeto.^{13,14}

Submissão à categoria médica

A seguir, apresentamos trechos das notícias que revelam uma imagem da enfermeira submissa à atuação médica. Ela é citada como alguém que desempenha um papel auxiliar e menos importante no cuidado em saúde.

A enfermeira é uma colaboradora do médico, objetivo comum de dar assistência ao paciente. (N75)

Enfermeira formada, tendo médico responsável, atendo em sua residência (N35).

Representações dicotômicas: de anjos a demônios

As notícias demonstram ainda representações dicotômicas das enfermeiras que vão da abnegação no cuidado dos doentes até a figura rígida, intolerante e negligente com aqueles que estão sob seus cuidados.

É preciso ter vocação, vontade de fazer alguma coisa pelos outros para ser enfermeira (N261).

Quem representa a rigidez, a violência da instituição é a enfermeira Ratched, interpretada por Louise Fletcher [...]. Sua criação da puritana enfermeira é impecável: um monstro de intolerância. (N1797)

Maria morreu poucos dias depois de operada, provavelmente vítima de um choque operatório, embora o médico inconformado acreditasse no descuido de uma enfermeira. (N2017)

3:30h na Globo – Na Alegria e na tristeza [...] Garota descobre que seu pai está tendo um caso com a enfermeira que cuida da sua mãe, vítima de esclerose múltipla. (N2583)

A desvalorização do trabalho da enfermeira

O trabalho da enfermeira apareceu nas notícias analisadas como tendo menor valor, passível de ser executado por pessoas com pouca formação, aproximando-se do serviço doméstico.

O médico que se fixa no interior se transforma em fazendeiro ou político, fica desatualizado e faz o trabalho que qualquer enfermeira faria (N63).

[...] Se seria decente ter a seu serviço uma jovem esposa, constrangida... a servi-lo na cama, preciosa não só como empregada, mas com enfermeira, mensageira e secretária (N58).

[...] existem duas imagens relativas à enfermeira. Uma é a que o público tem, da moça vestida de branco, quase uma empregada doméstica do doente, servindo ainda como relações públicas do hospital [...] (N75)

A enfermeira profissional

A imagem da enfermeira enquanto profissão também ficou evidente na análise das notícias. Foram retratados momentos da formação dessas profissionais, bem como os diversos espaços no mundo do trabalho onde podem ser inseridas e a necessidade de formação e capacitação técnica para o exercício da profissão.

[...] A outra imagem é a verdadeira, com a enfermeira trabalhando em todos os campos, dirigindo o setor de enfermagem do hospital; professora em escolas superiores de enfermagem (grau de doutora ou mestrado), funcionando na enfermagem de saúde pública ou em pesquisa. (N75)

A enfermeira tem que renovar constantemente seus conhecimentos, se atualizar por meio de cursos, estudar sempre [...] (N83).

A enfermeira consciente do seu papel político

As notícias analisadas também evidenciam a consciência política de algumas profissionais:

Enfermeiros que ameaçam adotar uma atitude [...] conseqüentemente mais do que apenas reclamar por um direito (N264).

Não posso esconder o que eu passei no interior, onde tudo é imundice, disse a enfermeira [...] (N195)

Enfermeira faz denúncia contra hospital de Osasco [...] (N90).

Discussão

O uso do feminino no enunciado das notícias em que a enfermeira foi mencionada revela a imagem feminina desta profissão. Apesar do crescente número de homens que ingressam na enfermagem, as mulheres ainda são maioria e representam cerca de 84,6% do total de trabalhadores.¹⁵

A imagem feminina da profissão remete à origem da enfermagem, marcada pela atuação de mulheres em períodos de guerra, quando assumiam a missão de cuidar dos feridos enquanto os homens lutavam. Além disso, o cuidado dos doentes estava reservado às mulheres religiosas ou às prostitutas, o que reforça o estereótipo do cuidado como um atributo inerente às mulheres.

Ainda como reflexo da imagem feminina da profissão, o trabalho das enfermeiras aparece nas notícias confundindo-se com o doméstico, fato ainda observado atualmente. Isso pode ser explicado pelas relações de trabalho estabelecidas entre empregadores e enfermeiras que prestam cuidados especializados a pacientes em domicílio.

De fato, o papel social esperado para as mulheres no mundo pré-revolução industrial era o de dona de casa responsável pelo cuidado da família e comunidade. Todavia, com as demandas impostas pelo mundo industrial, o trabalho feminino passou a

ocupar espaços no mundo do trabalho de maneira formal e profissional, o que fez com que as mulheres deixassem o ambiente doméstico para assumir o cuidado profissional e a formação de novas enfermeiras.¹⁶

No entanto, apesar desta importante e antiga mudança, os estereótipos atrelados à imagem da enfermeira ainda persistem no imaginário social e mantêm representações dicotômicas e desvalorização da profissão.

As notícias, sobretudo as sinopses de filmes, tanto romantizavam a profissão, retratando uma enfermeira bela, amorosa e abnegada no cuidado dos doentes, como a apresentavam como vingativa, ríspida e sempre disponível para envolvimento afetivo/sexual com seus pares. Essa dicotomia acompanha o imaginário social sobre a mulher em si, pois são atributos esperados do feminino: obediência, respeito à hierarquia, subserviência e humildade. Quando apresentam atitudes ou comportamentos diferentes destes, as mulheres são retratadas como rebeldes e cruéis.¹⁷

Embora sem qualquer argumento que se sustente com racionalidade, o trabalho da enfermeira, ainda nos dias atuais, mantém-se desvalorizado socialmente, somente por se confundir com o trabalho doméstico e por ser realizado, em sua maioria, por mulheres. Atrela-se, ainda, a esta profissional uma atuação diminuta, inferior, submissa e de secretariado à atuação médica, pois, no imaginário social, a atividade médica possui maior representação simbólica.^{18,19}

Por outro lado, verificamos nas notícias a imagem da enfermeira profissional – aquela dotada de habilidades e competências requeridas para atuação no ensino, na pesquisa e na assistência. Esse perfil denota a figura de uma enfermeira crítica, com aparato científico e político para enfrentamento das questões que se colocam no mundo do trabalho em saúde e na enfermagem.

Considerações finais

As características das enfermeiras apresentadas nas notícias analisadas remetem às dimensões funcional e cognitiva da imagem que vem sendo construída desta profissional no Brasil ao longo dos anos. Essa imagem agrega elementos tangíveis, como a vestimenta e os atributos físicos esperados, mas também concepções e crenças sobre baseadas no histórico da profissão e, ainda, no histórico da prestação de serviços na saúde.

De modo geral, notamos uma imagem ainda romantizada e distante da realidade do mundo do trabalho vivenciado pelas enfermeiras, visto que a atuação contemporânea

destas profissionais em nada as aproxima do trabalho sacerdotal e abnegado do século XIX. Pelo contrário, é atualmente um trabalho profissional, assalariado, regulamentado e sujeito a condições e relações de trabalho impostas pelo mundo moderno.

Todavia, persistem condições e relações de trabalho marcadas, muitas vezes, pela intensificação e precarização do trabalho, visto que as enfermeiras enfrentam, cada vez mais, a cadência imposta no desempenho de múltiplas funções, polivalência e hiperespecialização. Além disso, a baixa remuneração e pouca valorização profissional impulsionam a busca por mais de um vínculo laboral, levando a jornadas de trabalho exaustivas e contribuindo para intensificação e flexibilização do trabalho nas diferentes organizações.

Recentemente, agravaram esta situação o aparecimento do novo coronavírus e a consequente pandemia da COVID-19, que iluminaram antigos desafios vivenciados no cotidiano do trabalho das enfermeiras. Elas têm enfrentado subdimensionamento de pessoal, duplas/triplas jornadas, baixos salários e condições de trabalho que as expõe rotineiramente ao risco de contaminação.

Por esses motivos, e considerando que a imagem retratada na maior parte das notícias veiculadas caminha na direção dos estereótipos já construídos, ou seja, de enfermeira como anjo salvador, heroína, amorosa, abnegada, negligente, que erra nos procedimentos ou na administração de medicamentos, é preciso abrir caminhos para o fortalecimento da imagem desta profissional. Entendemos que ela precisa ser reconhecida como uma trabalhadora que desempenha papel central em qualquer sistema de saúde. São profissionais que estão presentes em quase todos os serviços de saúde, de maneira contínua, todos os dias da semana. Elas representam o elo entre os diversos profissionais de saúde na condução dos processos de cuidados e ocupam, cada vez mais, espaços na gestão de serviços e sistemas de saúde.

Como limitação do estudo destaca-se o uso de um único jornal da mídia impressa, assim como o uso de duas palavras-chaves para identificação das notícias que mencionassem as enfermeiras, o que pode ter implicado em perda de materiais.

Referências

1. Dorsch F. Dicionário de Psicologia Dorsch. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001
2. Santos VLCG, Ferraz AF, Diogo, AJD, Souza, RMC. A imagem de enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. Rev Bras

- Enferm. 1988;41(3/4):241-51. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671988000400010>
3. Pierrotti VW, Guirardello EB, Toledo VP. Padrões de conhecimento em enfermagem: imagem da enfermeira e papel na sociedade percebida por estudantes. Rev. Bras. Enferm. Rev. Bras. Enferm. [online]. 2020, vol.73, n.4, e20180959. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0959>.
 4. Silva AL, Padilha MICS, Borenstein MS. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev Lat-am Enfermagem 2002;10(4):586-95. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000400017>
 5. Silva AR, Padilha MI, Backes VMS, Carvalho JB. Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. Esc. Anna Nery. 2018; 22(4): e20180182. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0182>
 6. Laitano ADC, Silva GTR, Almeida DB, Santos VPFA, Brandão MF, Carvalho AG, Peres MAA, Santana N. Precarização do trabalho da enfermeira: militância profissional sob a ótica da imprensa. Acta Paul Enferm. 2019;32(3):305-11. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900042>
 7. Figueiredo AM, Souza SRG. Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final. – 3ª ed. – Rio de Janeiro :Lumen Juris, 2010.
 8. Sá-Silva JR, Almeida CD, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. 2009; 1(1): 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>
 9. Branco WC. O software educacional na prática docente: um olhar da teoria da atividade. Em Teia: revista de educação matemática e tecnológica 59ist.59nica59cana, Recife, v. 2, n. 3, p. 1-25, 2011.
 10. Hwang S. Utilizing qualitative data analysis software: a review of Atlas.ti. Social Science Computer Review, Thousand Oaks, v. 26, n. 4, p. 519-527, 2008.
 11. Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70. 2011.
 12. Brasil. Conselho Federal de Enfermagem. Perfil da Enfermagem no Brasil. 2016 Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>
 13. Estés, CP. Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de 1970 a 1999 foi composto por diversos eventos histórico, políticos e sociais que contribuíram para mudanças na Imagem da enfermeira. Faz-se necessário compreender que a construção social da imagem profissional da enfermeira é um fenômeno complexo, porém mutável e as transformações da enfermagem evidenciou isto, ao passo que a militância e luta política por profissionalização e direitos trabalhistas levaram a um maior reconhecimento profissional com impacto e mudanças nas notícias evidenciadas na mídia impressa enquanto veículo de transmissão de informações. As evidências apresentadas neste estudo permitem compreender como os fatos históricos e mobilização política das enfermeiras permitiu modificar a imagem da enfermeira evidenciada pela mídia impressa levando em consideração o processo gradual e complexo, mas que mostra mudanças ao longo do período em estudo.

Os movimentos de lutas trabalhistas e por profissionalização desenvolvida ao longo das décadas estudadas permitiram evidenciar como a exposição social na mídia impressa é diretamente relacionada ao impacto social da notícia veiculada, haja vista que com a progressão da visibilidade de enfermeira por meio das reivindicações a fim de reconhecimento e prestígio social e profissional tornaram esse conteúdo mais relevante para disseminação em mídia impressa assim como norteou o tipo de conteúdo disseminado sobre as enfermeiras.

O conteúdo veiculado em mídia impressa passou por uma transformação temporal entre a década de 70 a 90 como reflexo da mobilização trabalhista por reconhecimento profissional assim como o papel ocupado pela enfermeira em espaços de cuidado, sendo assim, a mídia impressa responsável por revelar essa imagem da enfermeira ainda pouco disseminada.

Entretanto, faz-se necessário evidenciar que frente às transformações obtidas com a exposição da imagem da enfermeira em mídia impressa devemos considerar como negativamente a manutenção da veiculação de notícias que reforça a imagem da enfermeira como auxiliar do médico ou como uma profissão de mérito quando comparada a medicina assim como a enfermeira erotizada em especial na sessão de teledramaturgia.

A mídia jornalística como fonte documental rica assim como documento histórico de preservação da história das enfermeiras e seu potencial de contribuir com a construção e manutenção da imagem da enfermeira é instrumento importante para transformações na

imagem da enfermeira e estudos com esse objeto de pesquisa revelam cientificamente a relevância da mídia impressa para imagem da enfermeira brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. B. et al. Arqueologia discursiva: os saberes constitutivos de enfermeiras militantes em entidades de classe Discursive. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 71, n. 3, p. 1194–201, 2018. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1221/1182>. Acesso em: 16 jul 2018.
- ALMEIDA, D. B. et al. História de vida de Josicélia Dumê Fernandes: percurso de uma professora e enfermeira. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1–5, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/17105>. Acesso em: 05 jun 2018.
- AMARAL, M. Oh, meu Deus! Manchetes e singularidades na matriz jornalística melodramática. **Revista ECO-Pós**. V. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v10i2.1021>. Acesso em: 05 jun 2020
- ANDRADE, J.B.; CAVALCANTE, M.B.; APOSTOLICO, M.R. Marketing Pessoal e Enfermagem: Projeção para visibilidade social do Enfermeiro. **Enfermagem em Foco**. v. 8, n. 1, p. 82-86, 2017. Disponível em: doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2017.v8.n1.946>. Acesso em: 08 abr 2019
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Os maiores jornais do brasil de circulação paga, por ano**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 20 de junho de 2019.
- AYDIN, O.R. **Web Scraping Quick Start Guide: Techniques and tools to crawl and scrapedata from websites**. [s.l.] Packt Publishing Ltd, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70. 2011.
- BELLOTTO, H.L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 320 p.
- BRANCO, W.C. O software educacional na prática docente: um olhar da teoria da atividade. **Em Teia: Rev. de educação matemática e tecnológica iberoamericana**, Recife, v.2, n. 3, p. 1-25, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/2178/1749>. Acesso em: 20 de abril 2019.
- BRASIL. **Lei n. 5906, de 12 de Julho de 1973**. Dispõem sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e dá outras providências. Legislação para o Exercício da Enfermagem, 1973. 6p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5905.htm. Acesso em: 30 dez. 2019.

_____. **Decreto nº 68.908, de 13 de julho de 1971.** Dispõe sobre Concurso Vestibular para admissão aos cursos superiores de graduação. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68908-13-julho-1971-411394-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

_____. **Lei nº 7.498, de 25 de Junho de 1986.** Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Legislação para o Exercício da Enfermagem, 1986. 6p. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/download/Leiprofissional.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2011.

_____. **Lei nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998.** Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 20 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm. Acesso em: 14 mai. 2018.

_____. **Lei nº 7.498 de 25 de Junho de 1986.** Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 25 junho 1986, 165º da Independência e 98º da República. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html. Acesso em: 20abr 2019.

_____. **Lei nº 2.604, de 17 de setembro de 1955.** Regula o Exercício da Enfermagem Profissional. Diário Oficial República Federativa do Brasil; 1955 [citado 2020 jul. 25]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2604-17-setembro-1955-361190-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 abr 2019.

_____. **Lei nº. 8080/90, de 19 de setembro de 1990.** Brasília: DF. 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm Acesso em: 05 set. 2018.

_____. **Lei nº. 8142/90, de 28 de dezembro de 1990.** Brasília: DF. 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8142.htm Acesso em: 05 set. 2018.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 20 de abr. 2019.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES N. 3, de 07 de novembro de 2001.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa da União. Brasília, 09 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura; 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 5 de mar 2019.

_____. Conselho Federal de Enfermagem. **Perfil da Enfermagem no Brasil.** 2016. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>

CAVACA, A.G. et al. Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. *Rev. Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 20, n. 11, p. 3569-80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.18342014>. Acesso em: 10 de abr 2019.

CARVALHO, E.M. Imprensa e poder: politização ou partidarização dos jornais brasileiros?. **V Congresso da Compolítica**. 2013. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT08-Jornalismo-politico-EleonoraDeMagalhaesCarvalho.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

CARVALHO, V. de. Sobre a Associação Brasileira de Enfermagem – 85 anos de história: pontuais avanços e conquistas, contribuições marcantes e desafios. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 65, n. 2, p. 207–14, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a02.pdf>. Acesso em: 20 mai 2017.

CECHINEL, A., et al. Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. UNESC, Criciúma, v. 5, n. 1, janeiro/Junho 2016. **Criar Educação – PPGE – UNESC**. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/2446>. Acesso em 20 de out de 2017.

CHAPAGAIN, A. **Hands-On Web Scraping with Python: Perform advanced scraping operations using various Python libraries and tools such as Selenium, Regex, and others**. 1. ed. Birmingham: Packt Publishing Ltd, 2019.

COELHO, G.F.; QUADROS, R.S.; MACHADO, M.C.G. O protagonismo da mulher no suplemento feminino do jornal O Estado de S. Paulo. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, n. 67, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25659>. Acesso em 10 de maio 2019

COFEN. **Resolução 564 de 2017**. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Cofen, 2017. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html. Acesso em 10 de maio de 2019.

_____. **Enfermagem em números 2019**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 25 abr. 2019.

COLPO, J.C.; CAMARGO, V.C.; MATTOS, S.A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. **Rev. Cogitare Enferm.**, v. 11, n.1, p. 67-72, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v11i1.5975>. Acesso em: 20 de maio 2020.

DORSCH F. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ESTÉS, C.P. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FARIA, E. P. A imprensa diária como fonte de pesquisa na História. **Pergaminho**, v. 2, n.4, p. 10–15, dez. 2013. Disponível em: <http://pergaminho.unipam.edu.br/.../A+imprensa++diária+como+fonte+de+pesquisa.pdf>. Acesso em: 22 de out de 2017.

FIGUEIREDO, A.M.; SOUZA, S.R.G. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

FILHO, A. J.A. A pesquisa histórica: teoria, metodologia e historiografia. **Hist enferm Rev eletrônica**. v.7, n.2, p. 381-2. 2016. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/2a01a.pdf>. Acesso em 27 de out de 2017.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Ed. Brasília: Liber Livro Ltda, 2012.

FRIESE, S. **ATLAS.ti User Manual: ATLAS.ti Scientific Software Development GmbH**. Disponível em: http://atlasti.com/wp-content/uploads/2014/05/atlasti_v7_manual_en_201409.pdf. 2014. Acesso em: 10 de maio de 2018.

GUIMARÃES, G.T.D. **Ressignificando os labirintos da pesquisa qualitativa: exercícios práticos de análise de discurso**. Porto Alegre: EDIPICRS, 2015.

GUTIÉRREZ, M.G.R. et al. Acompanhamento e avaliação da pós-graduação no Brasil: retrospectiva histórica da representação de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** v.5, n.2, p.161-72. 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-305987>. Acesso em 10 de fev de 2019.

HARON, Y.; REICHER, S.; RIBA, S. Factors influencing nursing career choices and choice of study program. **Health Marketing Quarterly**. V.31, n.2, p.167-77, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07359683.2014.907126>. Acesso em 09 de abr de 2019.

HWANG, S. Utilizing qualitative data analysis software: a review of Atlas.ti. **Social Science Computer Review**. **Thousand Oaks**, v. 26, n. 4, p. 519-527, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0894439307312485>. Acesso em 09 de abr de 2019.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 14. Ed. Campinas: Papyrus Editora, 2013.

KLETEMBERG, D. F., et al . O processo de enfermagem e a lei do exercício profissional. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 1, p. 26-32, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672010000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 agosto 2018.

KNEODLER, T.S. et al. Nursing throughout war times: political propaganda and professional valorization (1942-1945). **Rev Bras Enferm.**, v. 70, n. 2, p. 407-14, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0440>. Acesso em 08 de fev 2020.

LAITANO, A.D.C. et al. Precarização do trabalho da enfermeira: militância profissional sob a ótica da imprensa. **Acta paul. Enferm.**, v. 32, n. 3, p. 305-311, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900042>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

LAPUENTE, R. S. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: GT de História da Mídia Impressa, integrante do ALCAR 2015. **10º Encontro Nacional de História da Mídia**. UFRGS. Rio Grande do Sul. 2015.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>. Acesso em: 20 de nov de 2018.

LASSALA, M.L.G. **A reconfiguração do Espaço social da Escola de Enfermagem Anna Nery no contexto da Reforma Universitária de 1968**. 2007. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=488221&indexSearch=ID>. Acesso em: 10 de maio 2020.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEFEVRE, F. Jornal, saúde, doença, consumo, Viagra e Saia Justa. **Interface (Botucatu)**, v. 3, n. 4, p. 63-72, 1999. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831999000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2018.

LEITE, C.H.F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 7, n. 1, p. 03-17, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/vol7n1pp03-17>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

LE SPHINX DÉVELOPPEMENT. **Sphinx Plus 2**: Logiciel de traitement d'enquêtes et d'analyse de données. Paris: [s.n.], 1986. Disponível em: <https://docplayer.fr/6459493-Le-sphinx-plus-2-logiciel-de-traitement-d-enquetes-et-d-analyse-de-donnees-manuel-de-reference.html>. Acesso em: 27 de nov de 2018.

LOMBARDI, M.R.; CAMPOS, V.P. A Enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. **Revista da ABET**. v.17, n.1, p.28-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.16764439.2018v17n1.41162>. Acesso em 10 de set 2020.

LOPES, P. Gêneros literários e gêneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/54050682.pdf>. Acesso em 10 de abr 2019.

MARQUES, M.I. et al. (In) Satisfação com a imagem corporal na adolescência. **Revista Nascer e Crescer**, v. 25, p. 217-221, 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/nascercrescer/article/view/10799/7708>. Acesso em: 30 set 2019.

MARRES, N.; WELTEVREDE, E. Scraping the Social? **Journal of Cultural Economy**, v.6, n. 3, p. 313–335, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17530350.2013.772070>. Acesso em 20 de jun 2019.

MARTINS, A. V. Experiência das narrativas cross e transmidiáticas no webjornalismo. **Logos**, v. 18, n. 1, 2011. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/34/02_logos34_martins_experiencias_narrativas.pdf. Acesso em: 30 de set 2019.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n. 3, p. 21- 36, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442017000300021&script=sci_abstract&tlng=pt#:~:text=Este%20trabalho%20tem%20como%20objetivo,justamente%20a%20pluralidade%20de%20vozes. Acesso em: 13 de mai 2019.

MALISKA, I. C. A., et al. A organização da enfermagem e da saúde no contexto da idade contemporânea: a revolução tecnológica (1990-2008). In: PADILHA, M.I.; BORENSTEIN, M.S.; SANTOS, I. (Org.). **Enfermagem: História de uma profissão**. Florianópolis: Difusão, 2011. Cap. 8. p. 335-378.

MEDEIROS, S. L. A. et al. Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde. **Interface (Botucatu)**. v.16,n.41, p.579-581, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832012000200022>. Acesso em: 20 de jun. 2018.

MELO, J.M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** v. 39, n.1, p. 39-56, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201613>. Acesso em: 12 de abril de 2020

MONTEIRO, Y.N. **História da saúde: olhares e veredas**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010.

MUNZERT, S. et al. **Automated Data Collection with R: A Practical Guide to WebScraping and Text Mining**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2015.

NASCIMENTO, L. F. Combinando webscraping em R e ATLAS.ti na pesquisa em ciências sociais: as possibilidades e desafios da sociologia digital. **18º Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2017**, Brasília (DF) Grupo de Trabalho 39 Sociologia Digital. UNILAB/PPGCS-UFBA. Brasília 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/71135503-18o-congresso-brasileiro-de-sociologia.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

NAGESHWAR, V. Public Perception of nursing as a profession. **Int J Biol Sci**. v.5, n.5, p.15-19, 2018. Disponível em: <https://www.ijrasb.com/DOC/PublicPerceptionOfNursingAsAProfession.pdf>. Acesso em 8 de ago 2019.

NAUDERER, T.M.; LIMA, M.A.D.S. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 1, p. 74-77, 2005.

OGUISSO, T.; CAMPOS, P.F.S. Por que e para que estudar história da enfermagem? **Enfermagem em Foco**, v. 4, n.1, p. 49-53. 2013. Disponível em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/bde-24763>. Acesso em: 20 de out de 2018.

OLIVEIRA, N. L. et al. 100 Anos De Haydée Guanais Dourado: Contributos Para a Enfermagem Brasileira. **Rev. Baiana Enferm**, v. 30, n. 2, p. 1–12, 2016. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/15041>. Acesso em: 11 fev. 2018.

OLIVEIRA, E.B.; et al. Factors Involved In The Training Of Resident Nurses: View Of Alumni From A Residency Program. **REME Rev Min Enferm**. v. 21, e-1064, 2017. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20170074>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

PADILHA, M. I. A trajetória histórica da associação brasileira de enfermagem ao longo de seus 90 anos de existência. In: **ABEn 90 anos e a construção histórica e política da Enfermagem**: anais da 77ª Semana Brasileira de Enfermagem e 40ª Semana Riograndina de Enfermagem, 11 e 12 de maio de 2016. Rio Grande : Editora da FURG, 2016. 407 p. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v9/n2/a4.pdf>. Acesso em 4 de jul 2019.

PADILHA, M.I. et al. O uso das fontes na condução da pesquisa histórica. **Texto Contexto Enferm**, v. 26, n. 4, p. e276001, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n4/0104-0707-tce-26-04-e2760017.pdf>. Acesso em: 29 maio de 2019.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I (Org.). **Enfermagem**: História de uma profissão. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2015.

PIERROTTI, V.W.; GUIRARDELLO, E.B.; TOLEDO, V.P. Padrões de conhecimento em enfermagem: imagem da enfermeira e papel na sociedade percebida por estudantes. **Rev. Bras. Enferm**. [online]. v.73, n.4, e20180959. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0959>. Acesso em 29 de nov 2020.

PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINSKY, C. B. ; LUCA, T. R. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. 333 p.

PINSKI, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014. 302 p.

PIZZINATO, A. et al. Aspectos étnico-raciais e de gênero na inserção universitária de jovens africanas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 70, p. 732-51, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017227037>. Acesso em: 28 de abr 2019.

POLONI, K.M.; TOMAÉL, M.I. **Coleta de dados em plataformas de redes sociais: estudo de aplicativos**. Disponível em: http://rabci.org/rabci/sites/default/files/222-838-1-PB_0.pdf - III WPCI (2014). Acesso em: 18 de junho de 2019.

PONTES, G.T. História e imprensa. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 16, n. 2, p. 242-260, 2019. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/142> . Acesso em: 17 de abril de 2020.

PONTES, J. A. V. **O Estado de São Paulo: Resumo histórico**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>. Acesso em: 08 de março 2019.

PORTO, F. AMORIM, W.M. **História da enfermagem brasileira – lutas, ritos e emblemas**. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2008.

SANTOS, V.L.C.G. et al. A imagem da enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 41, n. 3-4, p. 241-251, 1988. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671988000400010. Acesso em 30 de out 2019.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p.1-15, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6> . Acesso em: 5 de nov 2018.

SANTOS, V.L.C.G. et al. A imagem de enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. **Rev Bras Enferm.**, v. 41, n. 3/4, p. 241-51, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671988000400010>. Acesso em: 5 de nov 2018.

SILVA, A.L.; PADILHA, M.I.C.S; BORENSTEIN, M.S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 586-595, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000400017> . Acesso em: 20 out 2020.

SILVA, A.R. **A mídia impressa e (re/des) a construção da identidade profissional da enfermagem brasileira**. 208 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185587> . Acesso em 22 de abr 2020.

SILVA A.R. et al. Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. **Esc. Anna Nery**. v. 22, n. 4, p. e20180182, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0182>. Acesso em: 20 abr 2020.

SILVA, A.R. et al. O processo de (re/des)construção da identidade profissional de enfermagem na mídia jornalística brasileira: 1980-1986. **Texto Contexto Enferm.** v. 28, p. e20170590, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0590>. Acesso em: 10 abr 2020.

SOUSA, R.C. Associativismo feminino e participação política: um estudo sobre as bases sociais de apoio à Ditadura Militar em Curitiba (1964-1985). **Estud. 70ist.**, v. 31, n. 65, p. 389-412, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-14942018000300005>. Acesso em 20 maio 2019.

SOUZA, P.H.R.; ROCHA, M.B. **Abordagem da mídia impressa em periódicos da área de ensino de ciências**, 2014. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7S2-MRj70XoJ:www.sinect.com.br/anais2014/anais2014/artigos/ensino-de-ciencias/01408825338.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 09 de abr 2019.

TEODOSIO, S. S. C. S. et al. Oral history and documental investigation as a research itinerary in nursing: a bibliometric study (2000-2014). **Esc Anna Nery**, v. 20, n. 4, p. 1–9, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452016000400205&script=sci_abstract. Acesso em: 10 dez 2018.

VOLPE, C.R.G. et al. Erros de medicação divulgados na mídia: estratégias de gestão do risco. **RAHIS**. v. 13, n.2, p. 97-110, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21450/rahis.v13i2.3499>. Acesso em: 10 dez 2018

XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 2, p. 35-48, 2019. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3131#:~:text=As%20caracter%C3%ADsticas%20dos%20jornais%20como,Brasileira%20de%20Ci%C3%A2ncias%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 jun 2019.

APÊNDICE A – Carta de aceite do artigo 1 pela revista acta paulista de enfermagem

APE-2018-0277.R2 - Decisão Editorial

AE Acta Paul Enferm <onbehalf@manuscriptcentral.com>
Ter, 16/04/2019 19:07 ↶ ↷ → ...
Você: alinelaitano@yahoo.com.br; deybsonborba@yahoo.com.br; gtadeucrcis@uol.com.br; gilberto.tadeu@ufba.br

Attached file: APE-2018-0277....
197 KB

Prezados Autores,

Tenho a grata satisfação de comunicar que a versão em anexo do seu artigo, foi aceita para publicação na Acta Paulista de Enfermagem. Parabéns!

A Acta é um periódico digital, open access e a versão final do seu artigo (em anexo) deverá ser traduzida para o inglês. Não será possível nenhuma alteração adicional no artigo, por isso encaminhe a versão em anexo para o tradutor escolhido. Em <http://www.unifesp.br/acta/tradutores.php> você encontrará a lista de tradutores recomendados pela Acta. A versão final em inglês e a certificação emitida pelo tradutor, sem a qual não poderemos publicar o artigo, deverão ser enviadas para o e-mail ape@unifesp.br/acta.paulista@gmail.com até às 14h00 do dia 02.05.2019.

Para o pagamento da taxa de edição acesse o link: http://www.unifesp.br/acta/taxa_sub.php. Após efetuar o pagamento, envie o comprovante nos emails ape@unifesp.br/acta.paulista@gmail.com.

Enfatizamos que os leitores poderão acessar o seu artigo nos dispositivos móveis em qualquer parte do mundo.

Atenciosamente,

Janine Schirmer
Editora-Chefe
Tel: +55 11 5576.4430 Ramal 2589
Home Page: www.unifesp.br/acta
Facebook: <https://www.facebook.com/actapaulistadeenfermagem>
Twitter: @ActaPaulEnferm
Tumblr: actapaulenferm.tumblr.com